



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ**  
**CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS**  
**CURSO: LICENCIATURA PLENA EM LETRAS/PORTUGUÊS**

**DIONYELLA FRANCISCA DE SOUSA SILVA**

**O DISCURSO DO PAPA FRANCISCO: UMA ANÁLISE SOBRE O  
PROCESSO AUTORAL NOS ARQUIVOS DISPONÍVEIS NO *SITE* DA  
SANTA SÉ**

**PICOS-PI**

**2018**

DIONYELLA FRANCISCA DE SOUSA SILVA

**O DISCURSO DO PAPA FRANCISCO: UMA ANÁLISE SOBRE O  
PROCESSO AUTORAL NOS ARQUIVOS DISPONÍVEIS NO *SITE* DA  
SANTA SÉ**

Monografia apresentada como requisito de avaliação da disciplina Trabalho de Conclusão de Curso II do Curso de Letras da Universidade Federal do Piauí para a obtenção do título de Graduada em Letras-Português.

Orientador (a): Prof. Ma. Fernanda  
Martins Luz Barros

PICOS-PI

2018

**S586d** Silva, Dionyella Francisca de Sousa.

O discurso do Papa Francisco: uma análise sobre o processo autoral nos arquivos disponíveis no site da Santa Sé / Dionyella Francisca de Sousa Silva.– 2018.

CD-ROM : il.; 4 ¾ pol. (68 f.)

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Plena em Letras) – Universidade Federal do Piauí, Picos, 2019.

Orientador(A): Prof. Ma. Fernanda Martins Luz Barros.

1. Francisco-Papa. 2. Ethos. 3. Autoria. I. Título.

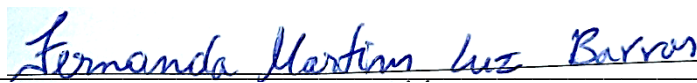
**CDD 401.41**

DIONYELLA FRANCISCA DE SOUSA SILVA

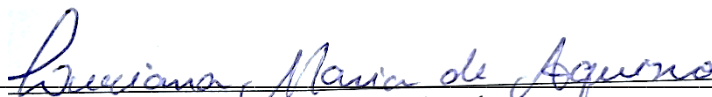
**O DISCURSO DO PAPA FRANCISCO: UMA ANÁLISE SOBRE O  
PROCESSO AUTORAL NOS ARQUIVOS DISPONÍVEIS NO *SITE* DA  
SANTA SÉ**

Monografia aprovada como requisito parcial para a obtenção do título de  
Graduada em Letras-Português, no Curso de Licenciatura Plena em Letras-  
Português.

**BANCA EXAMINADORA**



**Ma. Fernanda Martins Luz Barros  
UFPI**



**Ma. Luciana Maria Aquino  
UFPI**



**Ma. Margareth Valdivino da Luz Carvalho  
UESPI**

**Picos-PI, 21 de junho de 2018**

Dedico este trabalho a quem mais colaborou com amor e me deu forças para que mesmo nos momentos mais difíceis não tivesse coragem de desistir apesar de alguns momentos de fraqueza, ao Ser maior que nos conduz nesta vida.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus primeiramente, por proporcionar todas as bênçãos e nos conduzir na caminhada da Vida.

Agradeço aos meus pais, Evangelista Antônio da Silva e Francisca Cássia de Sousa Silva por sempre me apoiar em minhas escolhas. Agradeço a minha irmã, Célia Francisca de Sousa Silva pelas palavras de apoio quando mais precisei. Agradeço ao meu namorado, Jeová José da Silva Brito, pelo carinho, paciência e por entender as minhas faltas, e a toda minha família.

Agradeço as minhas amigas que compõem o “Quarteto Fantástico”: Fernanda Barroso Silva, Maria José Lima e Naira Regina da Silva Ribeiro, pelas palavras de apoio, conselhos e carinho. Agradeço à congregação das Irmãs de São José, especialmente a Ir. Joseleide da Silva Neves e a Ir. Luciene Maria de Carvalho por sempre me acolher e me fazer sentir em casa.

Agradeço à professora e orientadora Ma. Fernanda Martins Luz Barros por compartilhar seu conhecimento e ter se demonstrado uma amiga, me conduzindo mesma jornada.

Agradeço a todos os professores que contribuíram para minha formação: Luís Egito, Juscelino Nascimento, Welbert Feitosa, Luciana Aquino, Edilane Vitório, Cristiane Feitosa, Lidiany Santos, Lília Brito, e todos aqueles que também ministraram disciplinas em nossa turma, deixando suas contribuições intelectuais.

Agradeço às professoras Luciana Aquino e Margareth Valdivino por terem aceitado fazer parte da Banca examinadora.

E por fim agradeço à universidade Federal do Piauí por me acolher e proporcionar as mais variadas experiências e ter conhecido pessoas que levarei para a vida toda.

Minha eterna gratidão a todos!

“escrever é [...] ‘se mostrar’, se expor, fazer aparecer seu próprio rosto perto do outro [,] (...) ao mesmo tempo um olhar que se lança sobre o destinatário (...) e uma maneira de se oferecer ao seu olhar através do que lhe é dito sobre si mesmo.”

## RESUMO

Este trabalho procurou estudar como se constrói o *ethos* discursivo do Papa Francisco e a partir de seu *ethos* identificar as marcas de autoria em seu discurso. Desde que o mundo conheceu o novo Papa viu-se uma esperança de mudanças na Igreja, iniciada pela indicação de um Papa vindo da América Latina, quebrando com a tradição que se seguia há décadas de pontífices oriundos da Europa, sendo considerado como uma espécie de herói, vindo para lutar a favor dos até então “marginalizados” pela Igreja. Por muito tempo a Igreja se manteve omissa diante de alguns temas, como aborto, homossexualidade e os casos de pedofilia. O problema do trabalho foi identificar as representações da imagem do Papa Francisco e por meio de seus discursos verificar marcas de sua autoria. Para a realização deste trabalho foi elaborada uma pesquisa bibliográfica sobre autores que abordam a construção do *ethos* como Eggs (2005), Amossy (2005), entre outros e autores que estudam o processo de autoria como Grigoletto (2006); Mainguenu (1997, 2005, 2008), dentre outros citados no decorrer da nossa pesquisa, nos apoiando na Análise de Discurso de linha francesa. O *corpus* da nossa pesquisa foi selecionado a partir de arquivos disponíveis no *site* da Santa Sé, em que recortamos os discursos do Papa Francisco e agrupamos em cinco temas: 1) aborto, 2) homossexualismo, 3) pobres, 4) representação feminina, e 5) pedofilia. Com a análise percebemos que o *ethos* do Papa Francisco se apresenta como um ser misericordioso e carismático refletido em suas marcas de autoria, principalmente pela sua maneira de abordar os temas analisados de maneira direta e clara, por meio da seleção de palavras para a construção de seu discurso, visando assim a confirmação do *logos* através do *pathos*.

**Palavras-Chaves:** Papa Francisco. *Ethos*. Autoria.



## ABSTRACT

This work sought to study how to construct the discursive ethos of Pope Francis and from his ethos to identify the marks of authorship in his discourse. Since the world was introduced to the new Pope, there was hope for changes in the Church. To begin with, for the first time, the Church had as its leader a Pope coming from Latin America, breaking with the tradition that had been followed for decades by popes from Europe. Being considered as a kind of hero coming to fight for those hitherto "marginalized" by the Church. For a long time the Church has remained silent on some issues such as abortion, homosexuality and cases of pedophilia. The problem of the work was to identify the representations of the image of Pope Francisco and through his speeches to verify marks of his own. For the accomplishment of this work a bibliographical research was elaborated on authors that approach the construction of the ethos like Eggs (2005), Amossy (2005), among others and authors who study the process of authorship like Gricoletto (2006); Mainguenu (1997, 2005, 2008 ...) among others mentioned in the course of our research, supporting us in French Speech Analysis. The corpus of our research was selected from archives available on the Vatican website, in which we cut the speeches of Pope Francis and grouped in five themes: 1) abortion, 2) homosexuality, 3) poor, 4) female representation, and 5 ) Pedophilia. With the analysis we perceive that the ethos of Pope Francis presents himself as a merciful and charismatic being reflected in his marks of authorship, mainly for his way of approaching the subjects analyzed in a direct and clear way, through the selection of words for the construction of his discourse, thus aiming at the confirmation of the logos through pathos.

**KEYWORDS:** Pope Francisco. Ethos. Authorship.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	10
<b>1 A CONSTRUÇÃO DO <i>ETHOS</i> DISCURSIVO</b> .....	12
1.1 Concepção de <i>ethos</i> .....	12
1.2 <i>Ethos</i> discursivo.....	18
<b>2 AUTORIA</b> .....	25
2.1 Explorando o conceito de Autor.....	25
2.2 Constituição da imagem do autor.....	30
<b>3 DISCURSO RELIGIOSO</b> .....	35
3.1 Conceituando o discurso religioso.....	35
3.2 Papa Francisco.....	38
<b>4 METODOLOGIA E ANÁLISE</b> .....	41
4.1 Procedimento metodológico.....	41
4.2 O discurso do Papa Francisco.....	42
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	63
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	66

## INTRODUÇÃO

Em 2013 a Igreja Católica pela primeira vez vivenciou em sua história a renúncia de um Papa, Bento XVI, que alegando problemas de saúde optou por deixar um dos títulos de maior renome dentro da instituição eclesiástica, dando início assim a busca por um novo papa. Um dos candidatos foi o argentino Jorge Mario Bergoglio que foi eleito o primeiro papa jesuíta da Igreja católica e o mundo viu pela primeira vez “dois papas” lado a lado lutando pela mesma causa.

A escolha de Bergoglio para Papa, de início, representou uma nova fase dentro da Igreja Católica, que “defendeu uma bandeira” de mudanças dentro da instituição religiosa, provocando questionamentos de uns e admiração de outros. Com base nessa nova fase da Igreja nosso trabalho se torna relevante para entendemos como a imagem do Papa se constrói em seu discurso ao abordar temas que por muito tempo foram evitados pela Igreja, construindo assim uma discussão sobre o posicionamento do Papa frente a temas como aborto e pedofilia, contribuindo para debates em torno da posição da Igreja a cerca desses temas.

Tendo em vista que seu discurso religioso estremeceu alguns dogmas da Igreja, nosso trabalho se justifica por tentar entender como o *ethos* do Papa Francisco, nome que adotou após sua eleição, é construído dentro de seu discurso, buscando identificar como se dá essa construção nos arquivos disponíveis no *site* da Santa Sé, como homilias, entrevistas, Cartas Circular, entre outros, e verificar marcas de autoria em trechos desses arquivos que abordam temas polêmicos como aborto, homossexualismo, pobres, representação feminina e pedofilia.

No papado de Francisco percebemos que alguns temas tidos como *tabus* pela Igreja são discutidos abertamente, sempre demonstrando o ponto de vista da Igreja defendida com base no Livro Sagrado, a Bíblia, e deixando por algumas vezes transparecer o posicionamento do próprio Papa, apresentando marcas de subjetividade. Com a finalidade de estudar o discurso do Papa nos apoiamos na Análise de Discurso de linha francesa, tendo como base autores como Maingueneau (1997, 2005, 2008...), Orlandi (1987, 2002, 2010) entre outros, para comprovarmos que o *ethos* do locutor interfere na construção de seu discurso, bem como que o discurso traz marcas peculiares que constroem o *ethos* do enunciador e apresentam traços de autoria, logo o seu produtor pode ser considerado um autor, se tornando formador de discursividade como aponta Foucault (1969).

Para um estudo mais detalhado dividimos esse estudo em quatro capítulos. No capítulo um abordamos o conceito de *ethos*, desde os estudos clássicos de Aristóteles ao conceito atual estabelecido por autores como Eggs (2005) e Amossy (2005), estabelecendo no subtópico 1.1 um estudo sobre *ethos*, *logos* e *pathos* e no 2.2 sobre o *ethos* discursivo, compreendendo como a imagem do locutor pode interferir na produção de seu discurso.

O capítulo dois, denominado Autoria, é dividido em dois tópicos, no primeiro é explorado o conceito de autor, para entendemos como o processo de autoria se constrói e quando podemos denominar que um indivíduo é um autor ou meramente produtor de textos, e no segundo como a imagem do autor pode ser construída e apresentada em seu discurso, no qual utilizamos autores como Foucault (1969), Grigoletto (2006), Maingueneau (1997, 2005, 2008 ...), entre outros.

No capítulo três é abordado o discurso religioso, em que no tópico 3.1 é feita sua conceptualização, pois como nosso trabalho trata do discurso de um representante religioso se faz necessário abordarmos como é apresentado o gênero de seu discurso. E no tópico 3.2 falamos brevemente sobre o sujeito da nossa Pesquisa, o Papa Francisco, utilizando de autores como Fernandes (2017) e Citelli (2007).

E o capítulo quatro é constituído pela análise do *corpus*, os discursos do Papa Francisco sobre os temas aborto, homossexualismo, pobres, representação feminina e pedofilia. Por fim, segue nossas considerações finais e as referências que proporcionaram a realização deste trabalho.

## 1 A CONSTRUÇÃO DO *ETHOS* DISCURSIVO

- o *ethos* é uma noção discursiva, ele se constrói através do discurso, não é uma “imagem” do locutor exterior a sua fala;
- o *ethos* é fundamentalmente um processo interativo de influência sobre o outro; (MAINGUENEAU, 2008, p. 17).

Ao produzir um discurso alguns fatores interferem diretamente na sua construção e um deles é o *ethos* do seu locutor, que colabora com a maneira que o discurso será efetuado e como o público irá se comportar frente ao *logos* do locutor. Para entendemos melhor a construção do *ethos* no discurso nos tópicos abaixo será discutido a concepção do *ethos*, *pathos* e *logos* e a construção do *ethos* discursivo.

### 1.1 Concepção de *ethos*

A primeira concepção de *ethos* que temos conhecimento surgiu na Grécia Antiga e em Roma. Na Grécia, os estudos em torno desse termo se deram por meio do filósofo Aristóteles, que ligava o termo diretamente com a retórica, por meio da qual o orador se apresentava ao auditório, revelando em seu discurso o seu poder persuasivo. Aristóteles acreditava que as instâncias do discurso estavam relacionadas a três provas, o *ethos*, *pathos* e *logos*, promovendo assim a eficácia do discurso, sendo o *ethos* a imagem apresentada pelo orador ao auditório, mesmo que esta não seja uma imagem real, mas construída para agradar ao público, como um vendedor que apresenta as qualidades de um produto a fim de fazer com que o comprador se sinta instigado a levar o produto para casa. E de fato o orador era uma espécie de vendedor, só que ao invés de um produto ele pretende vender uma verdade por meio de seus atributos extradiscursivos.

Conforme os estudos de Aristóteles o *pathos* consistia no *feedback* do auditório diante do ato discursivo, caracterizado pelas emoções comprovadas pelo enunciador. De acordo com Eggs (2005, p.42, grifos do autor) “[...] o *pathos* é também *tridimensional*, uma vez que deve ser a expressão adequada do *tema* tratado, do *ethos* do *orador* e do *ethos* do *auditório*. ” Relacionando a paixão ao afeto do auditório pelo orador, a imagem que o povo tem não somente do discurso, mas também do próprio orador. O *pathos* irá mensurar o quanto o auditório está

satisfeito ou não, pois caso o *ethos* não os convença o produto, a verdade, do orador não será bem aceita ou até mesmo desacreditada, rejeitada, moldando o discurso do orador.

Ainda nos trabalhos de Aristóteles, o *logos* era apontado como sendo o próprio discurso. Como o discurso era proferido oralmente e por não ser veiculado de maneira impressa os oradores faziam com que seu discurso alcançasse o maior número de pessoas, por esse motivo, os encontros entre oradores e ouvintes eram realizados em praça pública para persuadir o auditório. Na tentativa de prender a atenção eram utilizados vários recursos, como os apontados por Declercq (1992, p. 48 *apud* AURÉLIO, 2012, p.14): “Tom de voz, fluxo da fala, escolha das palavras e dos argumentos, gestos, mímicas, olhar, postura, aparência etc., ” fazendo o auditório acreditar no que estava sendo exposto.

Aristóteles preconizava que o orador deveria ter essencialmente três qualidades necessárias para obter a confiança do auditório. i- a *phrónesis* (direcionado ao próprio *logos*); ii- a *areté* (direcionado ao *ethos*); iii- e a *eúnoia* (direcionado ao *pathos*). A *phrónesis* se inspira segundo a Retórica de Aristóteles na prudência e na sabedoria para deliberar e calcular os meios necessários para alcançar determinado objetivo (FIORINDO, 2012). A prudência determinará quais elementos linguísticos e qual a melhor estratégia conveniente à cada discurso e público, ponderação nos atos enunciativos, transparecendo uma imagem que faça o público receber suas ideias e palavras de maneira mais agradável e amável possível.

A *areté* demonstra a virtude do orador em duas perspectivas na percepção de Aristóteles. Na primeira, a virtude é algo inerente ao homem, que já faz parte de sua criação e vivências, influenciando assim no seu caráter e em suas futuras escolhas. Na segunda, a virtude é avaliada por meio de suas atitudes e da sua preferência entre o bem ou mal, na concepção da sociedade em que ele está inserido, levando em conta que a noção de bem e mal é algo subjetivo.

A *eúnoia*, por sua vez faz referência à benevolência. Aristóteles enfatiza que este sentimento se manifesta quando a virtude do orador e sua prudência no discurso desperta no auditório um sentimento de aceitabilidade e de afeto pelo orador, porque mostra a boa intenção do orador e como o *pathos* do público está reagindo diante do *ethos* do orador, mediante o *ethos* do auditório.

Enquanto para Aristóteles o *ethos* se relacionava com a caráter do orador, “a imagem de si construída no discurso”, os romanos tinham outra visão. Em Roma a concepção de *ethos* surgiu com Cícero e Quintiliano. Os romanos entendiam o *ethos* como “um dado preexistente que se apóia na autoridade individual e institucional do orador (a reputação de sua família, seu estatuto social, o que se sabe de seu modo de vida etc.) ” (AMOSSY, 2005a, p. 17). Cícero defende que o *ethos* une o valor moral do orador, sua virtude, a capacidade de organização dos atos discursivos, enquanto Quintiliano afirma que as atitudes de um homem e seu caráter vale mais do que sua palavra, o que determinará seu sucesso como orador será sua reputação na sociedade, por mais que o orador utilize elementos persuasivos em seu discurso e fale de maneira que agrada ao auditório, este nunca confiará em sua palavra se o orador não for um homem visto como digno e virtuoso pela sociedade.

Se pararmos para pensar, o conceito de Aristóteles e dos romanos não são tão distantes assim, basta que tomemos como base a divisão semântica do *ethos* abordado por ele, dividido em dois campos: o primeiro englobando o caráter, a virtude, a benevolência, dentre outras características morais e o segundo tido como um campo neutro, mais objetivo relacionado aos hábitos e costumes do orador. Observando essa divisão percebemos que o primeiro campo de sentido da moral se aproxima da concepção dos romanos, tendo a moral como ponto relevante para a persuasão, ao tratar desse campo Aristóteles não nega a importância da moral na construção do discurso, contudo o que o difere dos romanos é a maneira como a moral é relacionada no discurso, como um componente discursivo, porém não o essencial para a construção do *ethos* do orador, pois este é construído no processo enunciativo.

Em alguns pontos essa concepção que inicialmente poderia ser dicotômica, acaba se confundindo e se completando, pois como um homem digno pode repassar credibilidade em seu discurso, então não podemos dissociar a moral do discurso do orador, ou seja sua reputação na sociedade influenciará em sua aceitação e credibilidade com o auditório, mas esse critério não é algo essencial e é exatamente isto que Aristóteles aborda no seguinte trecho de Aristóteles (2007 apud SILVA; ROSADO; MELO, 2012, p. 73):

O caráter [*ethos*] pessoal do orador alcança a persuasão, quando ele nos leva a crer no discurso proferido. Acreditamos mais nos homens de bem por serem mais preparados e íntegros do que outros. Em geral, isso é verdadeiro, qualquer que seja a questão, e absolutamente verdadeiro onde a certeza exata é impossível e as opiniões estejam divididas. Assim como as demais, essa espécie de persuasão será alcançada por aquilo que é dito pelos oradores, e não pelo que o povo pensa a respeito do seu caráter antes do início do discurso

Aristóteles não negligenciava a importância da moral, entretanto enfatizava que a persuasão era possível por meio dos elementos utilizados no ato enunciativo e a construção do *ethos* se dava no discurso, mesmo reconhecendo os papéis do *pathos* e do *logos* ele afirmava que a principal prova da persuasão era o *ethos*, no entanto, a construção do *ethos* se dar em duas vias, ao mesmo tempo em que o *ethos* se constrói no discurso, o discurso ganha forma devido ao *ethos* do orador. O reconhecimento e a interpretação desse processo e das intenções oratórias, determina a recepção do *pathos*, ou seja, as três provas são necessárias à compreensão do discurso.

O pensamento aristotélico serviu de base para várias linhas teóricas que buscaram estudar o *ethos*, como a Pragmática e a Sociologia, cada uma com uma perspectiva particular que acaba se completando, pois quando uma teoria aborda o tema pela perspectiva mais discursiva, a outra estabelece a necessidade de não separarmos a pessoa que enuncia da pessoa enunciante, ambas contribuindo ainda mais para os estudos e reflexões sobre o *ethos*.

No caso da Pragmática, no sentido dos estudos contemporâneos desenvolvidos, tem-se o propósito de investigação do sentido dos enunciados dentro do processo comunicativo. Quando tratamos dos estudos pragmáticos o primeiro exemplo que nos vem à mente é o clássico “A porta está aberta” no qual o professor nos pergunta quais as possíveis implicaturas desse enunciado, e a classe começa a expor suas opiniões. O enunciado pode implicar: a) que a porta está aberta e alguém precisa fechar; b) que a presença de alguém não é bem-vinda daí a sugestão à sua retirada; c) e pode ser que alguém apareceu na porta e esse enunciado seja um convite para entrar. Tais exemplos são perpetuados e acabamos por relacionar a pragmática apenas a pequenas frases isoladas como as citadas, porém o estudo desse campo teórico aborda questões bem mais amplas e complexas como um discurso de um político, ou um debate, por exemplo.



Todas essas interpretações são possíveis porque desde o início dos seus primeiros estudos a pragmática reconheceu a importância do contexto para a produção de sentido do enunciado (DASCAL, 2005), dependendo em que situação tal enunciado é empregado ele pode ser interpretado de maneiras diferentes. A compreensão de cada um irá mudar tendo em conta o lugar onde o enunciado acontece e quem o está efetuando, respeitando o local de fala de cada um.

Conforme a Pragmática, o *ethos* é construído dentro do enunciado, conceito este que vai de encontro com o que Eggs (2005) chamou de *ethos* estratégico. Amossy (2005b, p.121) também constata que “A pragmática contemporânea, que pesquisa a eficácia da palavra no interior da troca verbal, não se interessa pelos rituais sociais exteriores à prática linguageira, mas pelos dispositivos de enunciação.” Ela define que o *ethos* deve ser analisado seguindo os próprios elementos estilísticos envolvidos na construção do enunciado e não informações extradiscursivas sobre o locutor, como faziam os romanos.

Dentro da pragmática, Ducrot (1984) diferencia o sujeito empírico/ locutor, do sujeito discursivo/enunciador. O sujeito empírico faz referência ao ser do mundo ( $\lambda$ ), utiliza de suas crenças e virtudes, preocupando-se com a moral para fazer uso do discurso para ser acolhido pelo público. Já o sujeito enunciador é a materialização da “instância discursiva do locutor, onde o *ethos* se liga a L (o próprio locutor) em que a enunciação é encarregada de caracteres que determina a aceitabilidade da enunciação (DUCROT, 1984 *apud* AMOSSY, 2005a, p.15).

A separação estabelecida por Ducrot, cria uma ruptura entre o “eu” real e o “eu” discursivo, como se um não interferisse no outro, mas é importante ressaltarmos que um está intrínseco ao outro, que o “eu” real se direciona ao “eu” discursivo. A formação de um filósofo, por exemplo, enquanto ser real enriquece o seu “eu” discursivo, isso demonstra que um é essencial para a formação do outro, dissociados poderiam até em certos casos ser suficiente, já em outros, em algum momento teríamos que utilizar o sujeito empírico para entendermos o sujeito enunciador, na concepção de Ducrot, enunciador não precisa criar uma imagem positiva de si, pois o seu próprio discurso determina as suas intenções com o alocutário, nesse caso o *logos* constrói o *ethos* e não o contrário, ou seja, a imagem de si está ligada à enunciação, estabelecendo a construção do *ethos* conforme suas estratégias discursivas.

No que concerne a Sociologia, ciência que busca estudar as relações humanas em sociedade, o *ethos* deve ser observado por um prisma institucional, já que os atos de fala são indissociáveis de uma instituição, unida ao local de fala do locutor. Se faz necessário uma “comunicação” entre a pragmática e a sociologia para haver um estudo interacional desses atos de fala.

Ao retornarmos o conceito do *ethos* aristotélico, percebemos de acordo com Eggs (2005, p.39), que:

[...] não se pode realizar o *ethos* moral sem realizar ao mesmo tempo o *ethos* neutro, objetivo ou estratégico. É preciso agir e argumentar estrategicamente para poder atingir a sobriedade moral do debate. Essas duas faces do *ethos* constituem, portanto, dois elementos essenciais do nosso procedente: convencer pelo discurso.

Um locutor que se apresenta como digno e honesto não pode ter marcas do contrário em seu passado, caso as tenha, o auditório irá receber o discurso do locutor com desconfiança. Porém de acordo com Amossy (2005b), a imagem de si no discurso pode modificar as representações prévias, construindo um *ethos* que agrade o outro, envolvendo as instâncias “do ser e do parecer”. Talvez essa constatação seja o consenso encontrado entre as áreas anteriores abordadas. Essa visão é perceptível no artigo de Aurélio (2012), onde é trabalhado a (des)construção do *ethos* da ex-presidenta Dilma Rousseff, que passava a imagem de “uma mulher austera e irreduzível”, imagem esta reforçada pela mídia. Com o objetivo de ganhar os eleitores, em 2010 houve a necessidade de trabalhar a sua imagem para repassar uma imagem mais simpática e preocupada com as questões do país, sobretudo com alguns grupos minoritários, como as mulheres e a classe trabalhadora. O autor do trabalho ainda ressalta que tal desconstrução, na época, da candidata, foi direcionado primeiro para mídia o que foi uma estratégia eficiente para a construção de uma imagem mais benevolente, pois alcançou a finalidade prevista que era a vitória nas eleições daquele ano. No pensamento de Perelman (apud AMOSSY, 2005b, p.124):

[...] pode-se dizer que a construção discursiva do *ethos* se faz ao sabor de um verdadeiro jogo especular. O orador constrói sua própria imagem em função da imagem que ele faz de seu auditório,

isto é, das representações do orador confiável e competente que ele crê ser as do público.

Demonstrando assim, que o *ethos* não é algo rígido e estável, pelo contrário, ele pode ser moldado de acordo com o propósito do orador. Vejamos o exemplo de dois candidatos que almejam a presidência de um país: o candidato “A” quer ser reeleito, enquanto o “B” está se candidatando pela primeira vez. Ambos querem a mesma coisa, contudo seus discursos são diferentes. “A” enfatiza todos os seus projetos finalizados e os que estão em andamento e “B” fala dos problemas que assola o país, como o aumento de inflação, desemprego e aumento dos índices de pobreza. “A” tenta engradecer o seu *ethos* para se manter no poder, e B tenta inicialmente o desestabilizar para depois expor sua visão sobre quais as melhorias possíveis e medidas tomaria para resolver tais problemas, construindo sua imagem de acordo com as expectativas do auditório, considerando que o *ethos* são “traços de caráter que o orador deve mostrar ao auditório [...] O orador enuncia uma informação e ao mesmo tempo diz: sou isto, não sou aquilo” (BARTHES, 1970 *apud* AMOSSY, 2005a, p.10).

## 1.2 *Ethos* discursivo

O conceito de *ethos* tem ganhado mais destaque, sobretudo, na Análise do Discurso a partir de estudos realizados pelo analista e professor Dominique Maingueneau que ampliou e reformulou o conceito a partir dos pressupostos aristotélicos, se respaldando na Retórica e o aperfeiçoando para a aplica-lo em textos orais e escritos, diferente no que ocorria na Retórica antiga que “[...] organizava-se em torno da palavra viva e integrava, conseqüentemente, à sua reflexão, o aspecto físico do orador, seus gestos, bem como sua entonação” (MAINGUENEAU, 1997, p. 46).

Quando Maingueneau aborda na análise do discurso o conceito de *ethos* ele retoma e expande o conceito trabalhado por Ducrot, seus estudos aplica o conceito de *ethos* em textos que podem possuir ou não um tom argumentativo, pois ele acredita que por meio do *ethos* tanto podemos analisar a sequencialidade de argumentos persuasivos quanto refletir sobre a posição discursiva do locutor.

As razões que levaram Maingueneau a recorrer à noção de *ethos* se enfocam em dois pontos: 1) “seu laço crucial com a reflexividade e 2) a relação entre corpo e discurso que ela implica” (MAINGUENEAU, 2005, p. 70). O *ethos* maingueneano em alguns pontos se comporta como o *ethos* aristotélico, como citado por Maingueneau (2008, p. 17):

- o *ethos* é uma noção discursiva, ele se constrói através do discurso, não é uma “imagem” do locutor exterior a sua fala;
- o *ethos* é fundamentalmente um processo interativo de influência sobre o outro;
- é uma noção fundamentalmente híbrida (sócio-discursiva), um comportamento socialmente avaliado, que não pode ser apreendido fora de uma situação de comunicação precisa, integrada ela mesma numa determinada conjuntura sócio-histórica.

Além da análise dos elementos persuasivos no discurso, Maingueneau verifica como o *ethos* do locutor interfere no seu posicionamento discursivo, quais elementos são utilizados para a formação desse posicionamento e é isso que difere o conceito dos dois autores. Aristóteles analisava a manifestação do *ethos* no discurso jurídico, percebendo como se dava sua construção para persuadir o auditório numa interação face a face, o auditório construía o *ethos* do orador baseado no seu caráter e nos seus argumentos. Enquanto que o *ethos* de Maingueneau “[...] pode ser entendido como sendo carnal, concreto ou abstrato, dependendo do modo como ele é apresentado, seja numa perspectiva visual (“retrato”), musical (“tom”), ou psicologia (“caráter”)” (MAINGUENEAU, 2008, p. 16).

Conforme Maingueneau (2008), o discurso é sustentado por uma voz ou vocalidade manifestada por meio do *ethos*, ocorre em textos orais e escritos, pois está ligado as impressões do locutor no discurso. Quando o locutor enuncia é liberado ao alocutário índices que colaboram com a construção do *ethos* do locutor, advindo dos tons produzidos na enunciação, direcionados ao enunciador, esses tons iniciam assim uma espécie de encarnação do *ethos*, que nos remete ao conceito de “incorporação” uma associação entre a formação discursiva e o seu *ethos* no processo enunciativo. Isso implica que a formação discursiva estabelece uma “corporalidade” ao enunciador e a quem o discurso está sendo direcionado, que confere aos sujeitos envolvidos no discurso a incorporação de traços que remete a maneira de conviver no mundo que habitam.

O *ethos* apresentará traços do comportamento global do enunciador, configurando o fiador, que é um garantidor do que é dito, o ser enunciativo investido

pelo *ethos* que se assume diante do destinatário, advindo do ser real transplantado para uma instância enunciativa (AMOSSY, 2005a). O *ethos* é construído pelo destinatário por meio de seu caráter, associado às características psicológicas e da corporalidade constituída pela aparência do enunciador, como a sua forma de vestir-se e a maneira como se comporta perante as representações sociais que se apoiam em estereótipos sejam eles valorizados ou desvalorizados, como aponta Amossy (2005, p.125-126):

A estereotipagem, lembremos, é a operação que consiste em pensar o real por meio de uma representação cultural preexistente, um esquema coletivo cristalizado. Assim, a comunidade avalia e percebe o indivíduo segundo um modelo pré-construído da categoria por ela difundida e no interior da qual ela o classifica.

Os estereótipos estabelecem uma mediação entre o discurso do enunciador e a construção do sentido do co-enunciador, ou seja, ao enunciar o locutor demonstra a qual formação discursiva pertence e o co-enunciador irá identificar se este está se comportando de acordo com as representações sociais que são valorizadas pelo o público ao qual o locutor está se direcionando, pois, o “co-enunciador joga com os estereótipos para que seja definido um *ethos* singular. Este só pode ser de fato apreendido com a leitura do texto, com uma entrada progressiva no universo por ele configurado” (CARVALHO, 2011, p.86).

Ao incorporar o *ethos* do enunciador o co-enunciador/alocutário tende a estabelecer uma relação com *ethos* que implica algumas denominações, que aqui iremos chamar de modalidades, que fazem parte da constituição do *ethos*, modelo preconizado por Maingueneau (2008): *ethos* efetivo, *ethos* pré-discursivo, *ethos* discursivo, *ethos* dito, *ethos* mostrado, ressaltando que o limite entre um e outro as vezes se torna difícil de identificar, pois a fronteira entre as modalidades do *ethos* não pode ser considerada sólida e definitiva, uma vez que uma transcende a outra, “não existe uma ordem de sucessão entre cada “espécie” de *ethos*. Trata se de um processo contínuo e progressivo que tem sua validação no próprio ato enunciativo.” (RODRIGUES, 2008, p.204).

O *ethos* efetivo, construído pelo destinatário é resultado da interação entre o *ethos* pré-discursivo e o discursivo. O *ethos* pré-discursivo é formado pela imagem que o destinatário tem do locutor antes mesmo que locutor fale algo, as impressões

antes do discurso, podendo ou não ser confirmadas. O destinatário faz inferências sobre o locutor com base em seu conhecimento prévio, de um “*doxa comum*” que conforme Amossy (2005) é um termo que se refere ao conhecimento prévio que o destinatário faz do locutor, um saber compartilhado pelo público, ressaltando que o locutor também faz o reconhecimento prévio de seu público.

O *ethos* discursivo engloba o *ethos* dito e mostrado. O dito pode ser considerado como fragmentos do discurso que evoca referências explícitas do enunciador. O *ethos* mostrado representa a imagem do locutor que não está diretamente no texto, mas que pode ser construída pelo público por meio de pistas no momento do ato enunciativo fornecidas implicitamente no texto discursivo.

Ainda de acordo com o modelo de constituição do *ethos* de Maingueneau, a base do *ethos* são os estereótipos ligados aos mundos éticos, dos quais o co-enunciador atribui características ao enunciador através do mundo ao qual ele pertence com base nos estereótipos associado a cada “mundo ético”. O fiador, encarnação do *ethos*, pressupõe um mundo ético, por exemplo, o mundo ético de um político inclui debates, reuniões com líderes de partido e comícios, ou seja, é relacionado a situações estereotipadas de um grupo específico, ligado ao seu comportamento.

Partindo do conceito de *ethos* na semiolinguística conduzido por Charaudeau (2006,) o *ethos* efetua a construção da imagem de quem pronuncia o discurso a partir do próprio discurso relacionado a maneira como o outro vê quem fala e a maneira como quem fala pensa que o outro o vê, pois, para construir a imagem do enunciador o outro se apoia em elementos pré-discursivos, englobando o conhecimento preexistente sobre o enunciador e elementos do próprio ato discursivo, dando seguimento para o que Maingueneau denominou de *ethos* efetivo que pode ser revelado a partir da cena de enunciação, pela qual o discurso é validado e materializado.

Para entendermos melhor o conceito da cena é preciso compreendermos as três cenas que a compõem: cena englobante, cena genérica e cenografia<sup>1</sup>. O termo cena se refere ao mesmo tempo ao espaço onde acontece as cenas e ao processo das ações verbais e não-verbais envolvidas na cena. Esse termo foi de acordo com Maingueneau (2015) uma metáfora ao mundo do teatro, uma vez que, quando em

---

<sup>1</sup> Conceitos desenvolvidos por Dominique Maingueneau.

cena os atores assumem um papel imposto pela cena de maneira consciente e condizente com o espaço onde ocorre a cena, conduzido por um quadro que envolve engrenagens, e o ator deve atuar dentro desse quadro, quando encena um pai de família, por exemplo, todas as suas atitudes e comportamentos devem interagir com o papel que ele assumiu perante à plateia.

A cena englobante corresponde ao tipo de discurso, ao local onde se surgiu, conforme as necessidades sociais, esta cena situa as características do discurso que “[...] pressupõe certo quadro, definido pelas restrições do gênero, mas deve gerir esse quadro pela encenação de sua enunciação” (MAINGUENEAU, 2015), ele assume o papel do grupo ao qual está relacionado, quando um cidadão se direciona aos outros cidadãos defendendo medidas para melhorar setores na sociedade, segundo ideologias do partido político que é coligado, este se apropria do discurso político, pertencente ao grupo associado e quando o Papa se pronuncia aos seus fiéis, fala-se de discurso religioso.

Um mesmo texto pode fazer parte de cenas englobantes distintas, ele pode ter sido produzido originalmente com uma finalidade discursiva e ter sido veiculado a uma plataforma distinta da qual foi destinada com propósitos diferentes, é o caso de um texto político produzido para uma propaganda política no horário eleitoral na TV e ser utilizado em um blog humorístico com o objetivo de satirizar o determinado texto.

A cena genérica se realiza nas configurações e finalidades do gênero discursivo. As normas estabelecidas para sua realização são baseadas, segundo Maingueneau (2015), em sete expectativas:

- 1) “*Uma ou mais finalidades*”: supõe-se que o locutor estabeleça estratégias de produção e de interpretação dos enunciados baseados na finalidade proposta de cada gênero, essas estratégias na maioria das vezes acontecem de maneira inconsciente, alguns gêneros instituídos têm sua estrutura tão imbricada que seus métodos de produção se tornam automáticos.
- 2) “*Papéis para os parceiros*”: no gênero discursivo são atribuídos papéis de competências específicas ao locutor, denominados de papéis estatutários e verbais. Os papéis estatutários estão associados ao comportamento que o locutor assume ao pronunciar o enunciado, o comportamento de um professor, de um político, padre, etc., e os papéis verbais se relacionam aos deveres de

sua fala, fazendo o locutor atuar como um interrogador, argumentador, narrador... e às suas atitudes durante a enunciação, rigidez, benevolência, indignação...

- 3) “*Um lugar apropriado para seu sucesso*”: trata-se da “plataforma” em que o enunciado irá acontecer, podendo ser um lugar físico ou não como no caso dos enunciados veiculados nas plataformas digitais. Alguns gêneros têm seus lugares de veiculação impostos, como julgamentos que ocorrem em cartórios, e outros, os acessos de circulação são livres, como o discurso de um candidato que pleiteia um cargo político, sua escolha se fundamentará no melhor local onde a sua fala possa alcançar o maior número de eleitores possíveis.
- 4) “Um modo de inscrição na *temporalidade*”: é o tempo em que o gênero continuará em veiculação, a sua validade, considerando que os gêneros surgem de acordo com as necessidades sociais e se modificam sobre o mesmo critério.
- 5) “*Um suporte*”: aborda o suporte de veiculação do gênero que não é uma escolha por acaso e sim algo premeditado e condicionado o seu transporte e seu arquivamento.
- 6) “*Uma composição*”: se refere a estrutura dos gêneros, as suas partes constituintes, textos como alguns modelos de redação dissertativa-argumentativa, ensinadas em algumas escolas, tem uma forma rígida, impermeável, formada pela introdução, desenvolvimento e conclusão, uma forma pronta, esperando seus ingredientes que são dispostos segundo uma receita antiga. Outros gêneros são mais difíceis de diferenciar suas partes, por se tratar de “uma espécie de ‘caderno de encargos’ [...] que pode se manifestar por meio de uma grande diversidade de planos de texto”.
- 7) “*Um uso específico de recursos linguísticos*”: todo locutor tem em seu domínio um repertório linguístico e cada gênero necessita de um material linguístico específico para sua construção, no caso de uma redação dissertativa que tem a finalidade a aprovação em uma universidade, a linguagem é mais acessível, enquanto que a linguagem de um relatório de física necessita da utilização de alguns termos que são utilizados apenas por especialistas da área.

A cena englobante e a cena genérica permitem o reconhecimento do tipo e do gênero discursivo, porém não são suficientes para abordar a singularidade de cada enunciado, para tal é relevante ressaltar que enunciar é construir sobre as



bases das cenas englobante e genérica a ativação da construção de uma encenação singular, falando assim da última cena enunciativa, a cenografia.

A cenografia possibilita uma análise do contexto da enunciação, visto que a cenografia se constrói no próprio texto. Alguns gêneros do discurso permitem a aparição de mais de uma cenografia, são os gêneros que possibilita e exige a escolha de uma cenografia, como nos gêneros publicitários, literários, político, etc., “para persuadir seu co-enunciador, (os enunciadores) devem captar seu imaginário, atribuir-lhe uma identidade invocando uma cena de fala valorizada ”. (MAINGUENEAU, 2005, p. 76).

A cenografia, como o *ethos* que dela participa, implica um processo de enlaçamento paradoxal: desde sua emergência, a fala supõe uma certa cena de enunciação que, de fato, se valida progressivamente por essa mesma enunciação. A cenografia é, assim, ao mesmo tempo, aquela de onde o discurso vem e aquela que ele engendra; ela legitima um enunciado que, por sua vez, deve legitimá-la, deve estabelecer que essa cena de onde a fala emerge é precisamente a cena requerida para enunciar, como convém, a política, a filosofia, a ciência. (MAINGUENEAU, 2005, p. 77).

As cenografias são construídas pelo co-enunciador com o auxílio de pistas deixadas pelo enunciador, respaldadas em alguns conhecimentos do leitor sobre o tipo do gênero discursivo, a linguagem, entre outros elementos explícitos no texto, como o reconhecimento de que o fiador e destinatário estão associados a um momento discursivo (cronografia) e a um lugar (topografia) dos quais o discurso se origina (MAINGUENEAU, 2005). Vejamos um exemplo: um publicitário pode escolher qual cenografia quer expor, podendo em uma propaganda se apresentar como um especialista sobre determinado produto, do qual seu lugar de fala possibilita uma autoridade sobre o assunto ou um consumidor que utiliza o produto, o avalia e pode por experiência própria recomendá-lo.

Quando falamos em cenografias estamos nos referindo à manifestação discursiva que concretiza o discurso no processo enunciativo, através do gênero e de suas estratégias de construção, daí dizemos que as cenas se interagem, mas é na cenografia que o contexto de enunciação pode ser melhor analisado, e por meio dela a Análise do Discurso se efetua, podendo assim, ser validado o discurso e identificar como o *ethos* é construído.

## 2 AUTORIA

“A função-autor [...] não é definida pela atribuição espontânea de um discurso ao seu produtor, mas por uma série de operações específicas e complexas; ela não remete pura e simplesmente a um indivíduo real, ela pode dar lugar simultaneamente a vários egos, a várias posições-sujeito [...]” (FOUCAULT, 1969, p.20).

O processo autoral em discursos orais e/ou escritos merece um questionamento sobre o tema por estar no limiar de uma discussão, todo texto tem autoria, mesmo aqueles veiculados sem a presença do nome de quem o escreveu? Todo escritor é um autor? São questões como estas que serão debatidas nos tópicos abaixo.

### 2.1 Explorando o conceito de Autor

Quando pensamos no conceito de autor logo imaginamos ser um escritor de um texto, sobretudo ligado a uma corrente literária, como Romantismo, Realismo. Os escritores literários já se eternizaram como autores na sociedade de tal maneira que quando somos indagados sobre a noção de autor e nos perguntam alguns exemplos de imediato falamos Machado de Assis, com Memórias Póstumas de Brás Cubas, Dom Casmurro, Fernando Pessoa e seus heterônimos que compôs o campo poético, dentre tantos outros autores brasileiros e portugueses por termos os estudados nos movimentos literários que se sucederam na história brasileira, que na maioria das vezes estávamos mais interessados no autor do que na própria obra, sempre relacionando a obra a vida do autor.

Mas se só os escritores literários são autores o que dizer dos responsáveis pelos artigos de opinião, dos cientistas que desenvolveram inúmeras teorias, dos pronunciamentos escritos e vários outros textos orais ou escritos? E são exatamente questões como essas que Maingueneau e outros autores procuraram responder ao definir o sentido de autor, em que ponto podemos dizer que uma pessoa é autor ou simplesmente escritor de um texto, tendo em conta que a terminologia autor está além do fato de se produzir um texto, “[...] pode-se considerar o texto como uma unidade à qual se costuma associar uma posição de

autor, mesmo que esta última não tome a forma de um indivíduo único, em carne e osso, dotado de um estado civil.” (MAINGUENEAU, 2010a).

Por algum tempo ao se analisar um texto se desconsideravam totalmente o seu produtor, pesquisadores como Barthes chegou a escrever um texto que determinava a morte do autor, em que ao escrever um texto o autor “morria” e a sua análise deveria ser desvinculada da vida do autor, teoria esta já ultrapassada, revelando a importância do escritor para a compreensão de sua obra, além dos elementos intra e extralinguísticos, como os de construção textuais, contexto de produção (época e espaço). Contudo a noção de autor, a autorialidade, passou-se a ser estudada cada vez mais com o intuito de melhor compreender como se dar essa autorialidade dentro de textos escritos e orais.

A noção de autor está relacionada a credibilidade de seu texto, pois quando é atribuído a alguém um texto, o seu produtor assume a responsabilidade pelo “dito e o não dito”, e a pessoa que assume a autoria do texto pode ser digno de credibilidade segundo estereótipos estabelecidos socialmente, quando um texto é avaliado pela crítica e esta entende que o texto não é válido, independente dos motivos, pois essa não é a questão, o leitor deste autor começa a vê-lo com desconfiança. Conforme Possenti (2009, p.95):

[...] quando se fala de autoria, pensa-se em alguma manifestação peculiar relacionada à escrita; em segundo lugar, não se pode imaginar que alguém seja autor, se seus textos não se inscreverem em discursos, ou seja, em domínios de “memória” que façam sentido; por fim, nem vale a pena tratar de autoria sem enfrentar o desafio de imaginar verdadeira a hipótese de uma certa personalidade, de alguma singularidade.

A personalidade do autor será refletida em sua obra, seja diretamente em relação ao seu texto ou por meio da concepção que seus receptores têm dele, ao comprar um livro algumas pessoas já vão com um nome específico de um autor em mente, de certa forma alguns não compram o conteúdo do livro e sim a carga ideológica ligada ao um autor, enquanto que alguns dizem que estão lendo “O pequeno príncipe”, o “Contrato social”, “Contos novos”, outros dizem que estão lendo Antoine de Saint-Exupéry, Rousseau e Mário de Andrade por levarem em conta a carga significativa integrada a esses nomes. Foucault (1969, p.13) afirma que:

[...] o nome do autor funciona para caracterizar um certo modo de ser do discurso: para um discurso, o fato de haver um nome de autor, o fato de que se possa dizer "isso foi escrito por tal pessoa", ou "tal pessoa é o autor disso", indica que esse discurso não é uma palavra cotidiana, indiferente, uma palavra que se afasta, que flutua e passa, uma palavra imediatamente consumível, mas que se trata de uma palavra que deve ser recebida de uma certa maneira e que deve, em uma dada cultura, receber um certo status.

O nome do autor qualifica uma produção, é o que acontece por exemplo, com um aluno de letras quando chega ao término de seu curso precisa apresentar um trabalho final, seja artigo ou monografia, o aluno deve respaldar o seu trabalho com autores renomados da área, ao falar de um assunto na área da sociolinguística, terá em algum momento de recorrer aos textos do Labov, na Análise do Discurso, dependendo da vertente terá que abordar as teorias de Mainguenu, Foucault, dentre outros, baseando-se em suas obras e poder construir outros discursos sobre os já existentes, podendo vir a se tornar um autor, por exemplo.

De acordo com Foucault (1969) há textos que apresentam a “função-autor” e outros não. “A função-autor é, portanto, característica do **modo de existência, de circulação e de funcionamento de certos discursos** no interior de uma sociedade. ” (ibidem, 1969, 14, grifos nossos). É atribuída a “função-autor” para aquele que de alguma forma estabelece um novo dizer dentro da sociedade, algo a mais do que já foi dito e que impacta os receptores de sua obra<sup>2</sup>, de forma que passa a ser referência dentro de sua área e colabora à produção de outros discursos. Dessa forma podemos também atribuir a “função-autor” a textos anônimos, pois se estes são reproduzidos e contribui para amplas interpretações, discussões e constrói inúmeros discursos, então, há índices de autoria no texto, é o caso de textos produzidos na *internet*, geralmente reproduzidos sem indicação de fonte e que por esse motivo muitos se sentem no direito de escrever o que quer já que ninguém saberá quem está por trás dos textos, mas deixam seus rastros não só digitais como de produção, envolvendo questões estilísticas e ideológicas. A “função-autor” é resumida por Foucault (1969, p.20) da seguinte forma:

a função-autor está ligada ao sistema jurídico e institucional que contém, determina, articula o universo dos discursos; ela nasce se

---

<sup>2</sup> O Termo obra está sendo utilizada como meio de veiculação de conhecimento.

exerce uniformemente e da mesma maneira sobre todos os discursos, em todas as épocas e em todas as formas de civilização; ela não é definida pela atribuição espontânea de um discurso ao seu produtor, mas por uma série de operações específicas e complexas; ela não remete pura e simplesmente a um indivíduo real, ela pode dar lugar simultaneamente a vários egos, a várias posições-sujeito que classes diferentes de indivíduos podem vir a ocupar.

Foucault estabelece que a “função-autor” vai além de atribuir a um texto o nome de seu produtor, pois ela se opera no sujeito enunciador, e não na pessoa física de “carne e osso”, podendo essa “função-autor” se comportar da mesma maneira em diferentes discursos. A “função-autor” pode ser atribuída a mesma pessoa em perspectivas diferentes de representação discursiva, ou seja, o indivíduo físico pode comportar vários “eu” motivados pela posição que o sujeito discursivo assume em um espaço social, dando origem ao que Foucault (1969) denominou de “formadores de discursividade”, diferente do simples *status* de escritor.

O discurso que traz conhecimento produzido pelo “formador de discursividade” influencia nas produções de outros conhecimentos, se tornando inspiração para outros autores, nesse caso Foucault cita como exemplo Freud e Marx como “fundadores de discursividade” por seus trabalhos terem perpetuados e inspirados outros autores a pesquisarem sobre o conhecimento produzido por eles, contribuindo com a realizações de novas pesquisas. Concordamos com Orlandi (2004 *apud* SOUZA, 2010, p. 71) quando diz que:

[...] a posição – autor se faz na relação com a constituição de um lugar de interpretação definido pela relação com o Outro (o interdiscurso) e o outro (interlocutor). O que em análise de discurso, está subsumido pelo chamado efeito leitor. Assim se configura a determinação ideológica da autoria. O autor se produz pela possibilidade de um gesto de interpretação que lhe corresponde e vem “de fora.”. O lugar do autor é determinado pelo lugar da interpretação. O efeito-leitor representa, para o autor, sua exterioridade constitutiva (memória do dizer, repetição histórica).

O autor assume uma posição discursiva em que realiza sua formação discursiva, produzindo discursos que façam sentido conforme o interdiscurso, pois o “interdiscurso é todo o conjunto de formulações feitas e já esquecidas que determinam o que dizemos. Para que minhas palavras tenham sentido é preciso que elas já façam sentido” (ORLANDI, 2010, p. 33). O interdiscurso possibilita o nosso trasladar pelos discursos produzidos há pouco tempo ou até mesmo a

milhares de décadas. É através dele que os discursos produzidos “ganham” sentido, pois em algum momento já foram ditos e significados.

Porém isso não denota que o discurso produzido hoje tenha a mesma carga significativa daquele produzido anteriormente. Há casos em que o significado inicial aponta resquícios significativos parecidos com o produzido agora, ou simplesmente seu significado original tenha sido apagado dando origem a outro significado totalmente diferente, e o que nos permite reconhecer os traços de regularidades nos discursos é o processo de interdiscursividade.

Maingueneau (2010a), para entendermos melhor a constituição do autor, estabelece que sua concepção comporta três dimensões: A primeira direcionada ao responsável pelo texto que não se apresenta nem na imagem do enunciador nem no sujeito real. É a mera atribuição de um nome a qualquer gênero produzido, podendo ser identificado no início do texto ou em nota de rodapé.

A segunda se direciona ao autor-ator correspondente ao ato de produzir textos, “não é necessariamente uma profissão”, mas se trata de uma trajetória de produção em que o autor-ator pode produzir paralelamente a uma profissão como um engenheiro ou advogado que publica suas obras. “Assim, a própria palavra ‘autor’, segundo as conjunturas históricas, entra em concorrência com outras: ‘escritor’, ‘homem de letras’, ‘literato’, ‘artista’, ‘intelectual’.” (MAINGUENEAU, 2010a, p. 30).

A terceira dimensão relaciona o autor a obra, seja esta inclusa em um conjunto de escritos ou um texto isolado, o que dará o *status* de obra será a importância do escrito na sociedade, nesta última dimensão a questão de responsabilidade do texto condiciona o indivíduo a tornar-se de fato “auctor”, onde o sujeito se efetivará como autor e implicará uma autoridade que o fará ser mencionado por outros, atingindo o reconhecimento como autor.

Na divisão das três instâncias de autor Maingueneau (2010b) as denominou de “pessoa”, “escritor” e “inscritor”, onde propôs que a “pessoa” seria a instância inscrita fora da relação literária, “um ser comum” como qualquer outro. O “escritor”, o ser atuante no cenário literário e o “inscritor” sobreposto em duas categorias, a de ser enunciador do texto ou obra e de “ministro da instituição literária”. Na função de enunciador o “inscritor” assume o papel do fiador de seu texto, ele se responsabiliza pelo o discurso enunciado ao mesmo tempo que se torna garantidor de sua obra e de “agenciador” do texto expresso na maneira de apresentação de seu texto. As três

instâncias do autor se apresentam mutuamente e nenhuma se sobressai sobre a outra em nível de relevância ou de ocorrência.

## 2.2 Constituição da imagem do autor

A imagem do autor muitas vezes é associada somente a sua reputação perante a sociedade e nos esquecemos dos diversos elementos presentes nos textos que contribuem à formação da imagem do autor, elementos estes enumerados por Maingueneau (2010) da seguinte forma: A personagem, a cenografia, os gêneros, o autor-garante, o nome do autor e o *ethos* editorial.

A relação do autor com sua personagem é algo que as vezes transcende as linhas da página (quando escrito), e dos palcos (quando encenado em um teatro, por exemplo). Podendo a personagem ser confundida com o autor e tendo traços de sua vida nas obras, como o exemplo do autor Joaquim Manuel Macedo<sup>3</sup>, que ao escrever “A Moreninha” as personagens principais Augusto e Carolina receberam algumas características de sua vida pessoal.

Já a cenografia é essencial para a construção da personagem, pois a disposição das cenas vai construindo todo um cenário de sustentação para a personagem, dando-a “vida” e fazendo o público realmente acreditar naquela personagem e associar a trama às características de cada uma.

O autor-garante como responsável pelo texto desencadeia a representação de alguns *ethé*, podendo ser percebido pelo leitor um *ethos* por meio do enunciado, em que o receptor associa elementos do texto com as características de produção do autor, um autor que traz em seu texto nostalgias, tristezas pode induzir o leitor a interpretá-lo como ser melancólico; ao ler uma obra que tenha muitos elementos considerados absurdos para a nossa realidade, poderia o leitor imaginar um *ethos* muito fantasioso, ou apreender um *ethos* discursivo, inscrito em epígrafes e prefácios, por exemplo.

O próprio nome do autor pode inferir outras imagens do autor, pois o seu nome se associa aos discursos produzidos e a constituição da identidade do autor. Por algum tempo, sobretudo no século XX, o nome do autor era algo tão

---

<sup>3</sup> (1820-1882) Autor romântico, além de A Moreninha (1844) escreveu obras como: O Moço loiro (1845); Os Dois Amores (1848); Rosa (1849); Vicentina (1853); O Forasteiro (1855); A Luneta Mágica – Um passeio pela cidade do Rio de Janeiro (1862/63), entre outras.

significativo socialmente que alguns autores se utilizaram de pseudônimos, é caso de autoras que publicavam com pseudônimos masculinos por viverem em uma época que a escrita feminina não era prestigiada, ou de autores como Fernando Pessoa que se “multiplicou” por meio de seus heterônimos, cada um com identidade própria, razões distintas, porém necessidades semelhantes se ligarem a um nome específico para propagar seus escritos, contudo Pessoa além de divulgar seus textos ele mostrou como é possível o mesmo indivíduo realiza-se através de vários egos. De acordo com Foucault (1969, p. 13):

[...] o nome do autor não passa, como o nome próprio, do interior de um discurso ao indivíduo real e exterior que o produziu, mas que ele corre, de qualquer maneira, aos limites dos textos, que ele os recorta, segue suas arestas, manifesta o modo de ser ou, pelo menos, que ele o caracteriza. Ele manifesta a ocorrência de um certo conjunto de discurso, e refere-se ao status desse discurso no interior de uma sociedade e de uma cultura. O nome do autor não está localizado no estado civil dos homens, não está localizado na ficção da obra, mas na ruptura que instaura um certo grupo de discursos e seu modo singular de ser.

A identidade do autor também é construída pelo *ethos* editorial, “ *ethos* que vem da coleção em que o livro é publicado, da qualidade do papel, da capa...” (MAINGUENEAU, 2010, p. 151). O *status* do autor se elevará se suas produções forem divulgadas por uma editora de maior prestígio socialmente, pois espera-se que a fidelidade e credibilidade de sua obra esteja assegurada, o mesmo ocorre com os artigos publicados em periódicos quanto maior for o *qualis* da revista maior sua credibilidade e melhor o *status* do autor que publica na revista.

A noção de autor está associada a escrita, pois como afirma Grigoletto (2006, p. 204-205), “A escrita, assim como a leitura, é um elemento do exercício de si no qual o sujeito se subjetiva, produzindo um discurso que julga verdadeiro. ” Ao exercitar a escrita o autor coloca no papel uma extensão de si e de sua formação discursiva, “a escrita articula-se entre o linguístico, o histórico, o social e o ideológico, constituindo-se num espaço simbólico, lugar de interpretação, num trabalho de memória e de construção de identidades” (GRIGOLETTO, 2006, p. 207). Completando os postulados por Grigoletto citamos Coracini (2009, p. 401) que estabelece:



[...] a escrit(ur)a é tecida pelos fios da subjetividade, de modo que o sujeito se inscreve – ainda que não queira – nas letras (sinais gráficos), nas palavras, que pensa escolher e colher segundo uma lógica racional, enfim, no texto que é sempre tessitura, tecido, levando-os a questionar a objetividade, a isenção e a presentificação do texto científico, bem como o controle dos efeitos do dizer, de uma língua que se quer transparente e unívoca.

Uma escrita digna de credibilidade traz marcas do seu produtor e das referências que ele internalizou durante sua formação profissional e/ou pessoal, pois no decorrer da nossa vida entramos em contato com diversos gêneros e autores, logo, a leitura destes nos permite a construção da nossa formação discursiva e de uma tomada de posição frente a outros discursos. Coracini (2008) em seu trabalho que trata da escrit(ur)a do corpo no corpo da escrita, define que o “escritor é sua escrit(ur)a” que ele se constrói no e pelos discursos que vem de si mesmo e dos outros. Conforme Orlandi (2002 *apud* AUGUSTINI E GRIGOLETTO, 2008, p. 146):

a escrita especifica a natureza da memória, ou seja, define o estatuto da memória (o saber discursivo que determina a produção dos sentidos e a posição dos sujeitos), definindo assim, pelo menos em parte, os processos de individualização do sujeito.

Na produção de discursos utilizamos a interdiscursividade como “a relação que um discurso tem com outros discursos” (Brandão, 2004), relação esta que nos permite no processo de formação discursiva elaborar novos sentidos a partir do sentido primário, essa formação de novos sentidos é possível através do que Orlandi (2010 *apud* Pêcheux, 1975) denomina de esquecimento que a partir do apagamento do sentido inicial produzimos sentidos secundários. Um exemplo disso é o que a autora denominou de esquecimento ideológico, responsável pela produção de sentido do que enunciamos, pois, os nossos enunciados não são inéditos, em algum momento foram proliferados por alguém em outro contexto, quando enunciamos a nossa memória é acionada e esta ativação faz com que o nosso discurso tenha sentido, diante de outros discursos.

Com isso, a imagem do autor está em constante modificação devido a maneira como se comporta mediante os textos, a postura de produção e o modo de recepção por parte do público alvo. Assim, “podemos pensar a identidade como uma construção sócio-histórica e ideológica, que mobiliza as dimensões simbólica e imaginária do sujeito.” (GRIGOLETTO, 2006, p. 209). A tomada de postura de um

sujeito ao produzir um discurso traz marcas de subjetividade que são encarnadas em seu discurso e podem ser demonstradas com pistas implícitas e/ou explícitas deixadas pelo produtor.

No discurso, o sujeito enunciador assujeita-se à língua e produz um discurso permeado de identidade, ideologicamente falando, e é por meio do *ethos* que podemos elaborar uma análise do sujeito enunciativo, pois “toda fala procede de um enunciador; mesmo quando escrito, um texto é sustentado por uma voz – a de um sujeito situado além do texto. ” (MAINGUENEAU, 2002, p. 95). Por meio de seu discurso podemos traçar um perfil específico, ou seja, delinear o caráter e personalidade do enunciador. Um viés possível para essa delimitação é tomarmos como estratégia a esquematização das atitudes do *ethos* sobre o co-enunciador. De acordo com Maingueneau (2010, p. 151):

[...] a imagem de autor não é o produto da atividade do escritor. Tal atividade entra em interação com públicos para gerar estratos mais ou menos homogêneos de representações. Assim que se deixa o círculo dos especialistas, as fontes tendem a se misturar: a imagem de autor aglutina elementos não hierarquizados extraídos de múltiplas fontes.

Conforme Maingueneau (2010), a imagem do autor não é algo estável, está em constante reconfiguração, Coracini (2003, p. 203) ainda acrescenta que “apesar da ilusão que se instaura no sujeito, a identidade não é inata nem natural, mas naturalizada, através de processos inconscientes, e permanece sempre incompleta, sempre em processo, sempre em formação”. A imagem do autor não se fundamenta somente na escrita e entre o grupo social pertencente ao escritor, mas também ao sujeito a quem o discurso se dirige, levando em conta a posição, o local do leitor, sendo assim, os elementos de produção do discurso devem ser pensados e organizados de acordo com o público alvo e as intenções do enunciador, persuadir, comover, etc. A partir da formação ideológica e da posição do sujeito temos a formação discursiva que estabelece “o que pode e deve ser dito” (PÊCHEUX, 1995), porém o posicionamento discursivo pode ser alterado, devido a FD não ser algo estático e imutável. Assim como as opiniões e posições ideológicas do sujeito podem mudar, consequentemente a sua FD também poderá passar por transformações já que nossos discursos são governados pela nossa formação ideológica.

No processo de autoria, o autor por meio de sua formação discursiva produz discursos que colaborará com a produção de outros discursos, quando falamos da escrita não estamos afirmando que a função-autor se manifesta somente nessa esfera. Segundo Foucault (2004 *apud* GRIGOLETTO, 2006, p. 404), a subjetivação do discurso verdadeiro se dá através de todas as técnicas e todas as práticas que concernem à escuta, à leitura, à escrita e ao fato de falar, pois o autor não é aquele que simplesmente escreve ou pronuncia um texto, mas é o princípio de agrupamentos de discursos que se significam. (FOUCAULT, 2000).

### 3 O DISCURSO RELIGIOSO

A fé remove montanhas. O homem, com fé, tem muito mais poder, mas como a fé é um dom divino, ela não emana do próprio homem, lhe vem de Deus. (ORLANDI, 1987, p. 250).

Todo discurso precede uma cena englobante, que corresponde ao tipo do gênero que cada discurso pertence e uma cena genérica que estabelece normas de funcionamento do discurso, tendo em vista essas peculiaridades do discurso, no tópico 3.1 iremos conceituar o discurso religioso por comportar os discursos de nossa pesquisa e em seguida abordaremos o sujeito enunciativo, o Papa Francisco, no tópico 3.2.

#### 3.1 Conceituando o discurso religioso

O discurso religioso se fundamenta na relação entre o sujeito-Deus (locutor) e sujeito-homem (interlocutor), em que a representação do sujeito-Deus se realiza por meio de um intermediário, o papa, os bispos e os padres. Partindo da ideia do que seria religião Emediato e Franco (2017, p. 197) citam Kung (1986 *apud* LIBANIO, 2001, p.55):

Religião é a realização socioindividual (em doutrina, costume, frequentemente ritos) de uma relação do homem com algo que o transcende e a seu mundo, ou que abrange todo o mundo, que se desdobra dentro de uma tradição e de uma comunidade. É a realização de uma relação do homem com uma realidade verdadeira e suprema, seja ela compreendida da maneira que for (Deus, o Absoluto, Nirvana, Shûnyatâ, Tao).

A ordem do discurso religioso funciona da seguinte maneira: existe regras e verdades inquestionáveis (a Bíblia), para aqueles que acreditam e confiam na Bíblia como sendo o livro mais importante, a Sagrada Escritura, e alguém (papas, bispos, padres, etc) que possa interpretá-las e repassá-las aos fiéis, ou seja, aos interlocutores. Lemos (2005, p. 28) coloca a Religião da seguinte maneira:

A religião é um sistema de símbolos que atua para estabelecer poderosas, penetrantes e duradouras disposições e motivações nos

seres humanos. Ela pode tanto fornecer a explicação e a justificação das relações sociais como construir o sistema de práticas destinadas a reproduzi-las.

Os dois conceitos de religião trazem a completude significativa do termo religião, o primeiro colocando o termo em questões de práticas sociais enquanto o segundo enfatiza o campo simbólico do termo associando-o a um plano mais espiritual pelo qual os seguidores podem buscar respostas para aquilo que não conseguem obter explicação no mundo carnal. A religião proporciona àqueles que a seguem uma explicação de ser no mundo que faz encontrar sentido em suas vidas, influenciando-os na construção de seus valores morais e conseqüentemente na formação do sujeito, pois algumas pessoas quando passam por algum momento de extrema dificuldade tentam se apoiar em um ser que está acima de todas as coisas terrenas, buscando um deus que os ajudem a ultrapassar todas as dificuldades. É por meio da fé que elas acreditam e se deixam guiar na religião como uma ovelha guiada por seu pastor, conduzindo-as pelo caminho da verdade e da salvação. “O pastor é, portanto, aquele que possui a autoridade, além do atributo da sabedoria e a função de ensinar a palavra de Deus, a moral cristã e os mandamentos”, como associa Melo (2017, p. 137).

Os pastores<sup>4</sup> se tornam autoridades dentro do seio religioso por serem responsáveis pela produção das práticas religiosas e pela obtenção e preservação dos seguidores da ideologia que defendem, para isso utilizam-se de elementos como o carisma para a efetivação de uma imagem positiva frente aos fiéis, pois como intermediário, representante de Deus, deve estabelecer uma boa relação entre Igreja e seguidores. A relação do homem com a divindade depende de como o interlocutor vê o pastor e como se dá o seu processo persuasivo, que Citelli (2007 *apud* PEREIRA e JHON, 2015, p. 06) explica da seguinte maneira:

Uma das formas discursivas onde se reconhece a presença da persuasão é a religiosa: neste caso, o paroxismo autoritário eleva-se: o eu enunciador não pode ser questionado, visto ou analisado [...]. Neste sentido, o discurso religioso realiza tarefa *sul generis* enquanto mecanismo de comunicação, pois, se os demais discursos autoritário-persuasivos podem vir a revelar a voz do sujeito falante, nele resta apenas a noção de dogma. Não deixa de ser uma situação curiosa estar diante da mais visível forma de persuasão e

---

<sup>4</sup> Estamos utilizando o termo pastor como ser competente responsável pela realização do discurso religioso e de sua pregação.

do mais invisível e persuasivo. Deus não fala, dado ser uma realidade imaterial; quem fala em seu nome não é o dono do discurso: o agente é apenas veículo, porta-voz, no máximo “interpretador” da palavra do Senhor.

O agente (pastor) interpreta o discurso do locutor (Deus) e o repassa por meio de paráfrases ao interlocutor (homem), nesse caso o pastor assume o discurso como sendo o próprio locutor, apesar de não ser, pois como o locutor pertence a um plano diferente do interlocutor faz-se necessário essa intervenção do pastor. O locutor é “imortal, eterno, infalível, infinito e todo-poderoso; os ouvintes [...] mortais, efêmeros falíveis, finitos” e Deus como locutor possuindo tais características acaba dominando o interlocutor (o homem). (ORLANDI, 1987, p. 243).

Apesar do pastor assumir o papel do locutor ele não é e não deve ser confundido como tal. “Assim quando digo que a voz de Deus se fala no padre, é ‘como se’ Deus falasse: a voz do padre é a voz de Deus. Essa é a forma da representação, ou seja, da relação simbólica”. Contudo, o representante do discurso não pode modificá-lo, pois como afirma a autora o discurso religioso pode ser considerado como monossemico, por permitir, teoricamente, apenas uma interpretação. Percebemos essa convicção no discurso do religioso RR Soares que ao ser interpelado por um rapaz sobre as contradições existentes no Velho e Novo Testamento ele afirmou: “Existe é que o novo é o velho explicado. E pessoas que não entendem, inventam alguma coisa<sup>5</sup>”, considerando que só os que não compreendem a Bíblia conseguem inferir outros sentidos ao que está escrito. Na interpretação dos escritos da Bíblia, Orlandi (1987, p. 246), estabelece que a interpretação se dá em dois planos, o temporal e o espiritual:

- Na ordem temporal, a relação com o sagrado, por exemplo no catolicismo, se faz pelos *representantes* da Igreja: O Papa, o Bispo, os Padres.

- Na ordem espiritual, a relação se faz pelos *mediadores*: Nossa Senhora, os Santos.

Nessa distinção, deve ocupar o lugar à parte Jesus Cristo: sendo o Deus que habitou entre os homens, não é nem representante nem mediador. Sua natureza é particular, pois, embora seja a parte acessível de Deus, é o próprio Deus.

---

<sup>5</sup> Retirado do trabalho “A religião na mídia: uma análise de discurso e argumentação do Programa Show da Fé” dos autores Marco Túlio de Sousa e Wedencley Alves.

Contudo, a relação entre locutor (Deus) e interlocutor (homem) se dá de cima para baixo, Deus compartilha com os homens suas qualidades e caminhos para a salvação e de baixo para cima os homens buscam a Deus por meio de preces, orações e seguindo seus ensinamentos, buscando assim a salvação, entretanto para o interlocutor ser ouvido pelo seu locutor é preciso que ele obedeça algumas regras ditadas pelos ensinamentos e mandamentos da Bíblia e daqueles que assumem o papel de representantes de Deus, além de ter qualidades como: bondade, integridade e ter fé no seu locutor (Deus). (ORLANDI, 1987).

De acordo com Melo (2017) o discurso religioso tem caráter pragmático por levar os fiéis a uma ação, as autoridades religiosas e os fiéis estabelecem uma relação de autoridade em que os fiéis são submissos aos representantes religiosos esperando serem recompensados pela autoridade maior, Deus, caso não cumpram os preceitos religiosos não alcançarão a salvação. Essa autoridade do religioso é algo presente nos atos de linguagem, os performativos, pois para realizar os atos o indivíduo deve estar investido por uma autoridade e deve ser realizado em condições específicas, em que a autoridade religiosa pronuncia enunciados como: “Eu te batizo”, ou “estão casados”, composto por uma ritualização e momento específico de enunciação. “O poder da Palavra na religião é evidente. [...] (a) performatividade atesta esse poder de forma clara. A performatividade da linguagem está ligada intimamente a uma visão da linguagem como ação”. (ORLANDI, 1987, p. 252).

A propagação do discurso religioso está cada vez maior, por meio do rádio, TV, encontros em locais abertos, internet, etc, com o objetivo de chamar atenção e atrair mais fiéis que possam também compartilhar a ideologia de sua religião. Além da interação do público com as autoridades religiosas, essa propagação contribui para o crescimento de vendas de artigos religiosos e a arrecadação do dízimo que ajuda na manutenção dos templos religiosos e das ações promovidas por eles.

### **3.2 Papa Francisco**

No dia 13 de março de 2013 o mundo conheceu o novo Papa, após a renúncia do Papa Bento XVI. Apesar de muitos esperarem um Papa europeu foi escolhido um representante vindo da América Latina; o novo Papa era argentino para a surpresa de muitos que acompanhavam ansiosos pela nomeação do novo

pontífice. O argentino Jorge Mario Bergoglio, diferente de seu antecessor que se mostrava bastante conservador, desde sua primeira aparição como Papa se revelou revolucionário, por sua postura inovadora, como aponta um trecho de seu discurso:

A Igreja já não acredita em um inferno literal, onde as pessoas sofrem. Esta doutrina é incompatível com o amor infinito de Deus. Deus não é um juiz, mas um amigo e um amante da humanidade. Deus nos procura não para condenar, mas para abraçar. Como a história de Adão e Eva, nós vemos o inferno como um artifício literário. O inferno é só uma metáfora da alma exilada (ou isolada), que, como todas as almas em última análise, estão unidos no amor com DEUS. (PAPA FRANCISCO, 22/01/2014).<sup>6</sup>

A escolha do nome Francisco por Bergoglio é justificada com base num episódio durante a contagem dos votos para decidir quem seria o novo Papa: o Arcebispo de São Paulo, o Cardeal Cláudio Hummes, abraçou Bergoglio e disse “Não te esqueças dos pobres!”, após essa frase o Papa começou a pensar e então lembrou-se de São Francisco de Assis que abriu mão de sua herança e viveu para os cuidados com os pobres e com a dedicação à fé e a Deus. Como coloca em sua Encíclica, “a pobreza e a austeridade de São Francisco não eram simplesmente um ascetismo exterior, mas algo de radical: uma renúncia a fazer da realidade um mero objeto de uso e domínio”. (PAPA FRANCISCO, 2015, p. 10).

De acordo com Fernandes (2017), o Papa Francisco encontrou na Igreja vários problemas, parte deles provocados pelos escândalos que assolavam a Igreja, como as denúncias de pedofilia, homoafetividade e casos de lavagem de dinheiro de membros da própria Igreja, como padres e bispos, problemas estes que são apontados como uma das causas da renúncia do Papa Bento XVI. Conforme aponta Fernandes (2017, p. 32):

Às vésperas da comemoração dos cinquenta anos do Concílio Vaticano II, aos 76 anos, o cardeal Bergoglio foi eleito o Papa. Iniciou seus trabalhos pastorais sob os desafios de uma Igreja que ainda mantinha seu poder de exclusão. Exemplo disso era a dificuldade ao batismo de filhos de mães solteiras, à restrita aceitação de mulheres nas atividades da Igreja, ao não acolhimento de divorciados, à impossibilidade da comunhão para os casais de segunda união e ao não acolhimento de homossexuais nos trabalhos eclesiais. O Papa argentino queria fazer com que discussões sobre temas relevantes, ainda não resolvidos no Concílio

---

<sup>6</sup> SOUZA, M. I. Dos discursos do Papa Francisco à produção e circulação de pequenas frases: a construção do papa heterodoxo. *Linguagem em (Dis)curso-LemD*, Tubarão, SC, v. 16, n.3, p.465-487, set-dez 2016.



Vaticano II, fossem reavaliados e colocados em prática dando, assim, novos rumos à história da Igreja Católica.

Além desses escândalos, outro envolvendo documentos secretos da Igreja que apontavam nepotismo e favoritismos em contratos com preços desproporcionais e inflacionários abalaram novamente a imagem da Igreja. Quando Bergoglio assumiu o papado viu-se em Bergoglio uma esperança de mudança e melhorias. Dentre as primeiras mudanças, o agora Papa Francisco, com relação as suas vestimentas, recusou o anel de ouro e o manto vermelho; outra de suas mudanças foi a escolha de morar na residência de Santa Marta e não no Palácio Apostólico, além disso, diminuiu a escolta papal e optou por um carro mais discreto, dispensando a limusine que o levaria a eventos importantes, seguindo os ideais que pregava e fazendo jus ao nome Francisco, vindo de São Francisco de Assis, símbolo de humildade. (PIQUÉ, 2014, *apud* FERNANDES, 2017).

De acordo com Fernandes (2017, p. 40), Papa Francisco tinha como objetivo cumprir as seguintes metas:

No plano de governo do Papa, estão as seguintes estratégias: a descentralização do poder da Cúria Romana, a transparência da administração eclesiástica, a diminuição e melhor funcionamento dos Dicastérios, a implantação da “cultura do encontro”, a questão da função das mulheres na Igreja, a propagação da compaixão e da misericórdia evangélicas, o acesso de todos fiéis aos sacramentos e às celebrações, o novo significado do “serviço” eclesiástico, a defesa dos mais pobres e marginalizados.

O Papa Francisco desde o início de seu papado assumiu uma postura carismática e de proximidade com o povo, sobretudo preocupado com a pobreza do mundo e outros males que estão na sociedade. A sua postura de reconstrução da Igreja, mediante tantos problemas, se assemelha ao pedido que a Cruz de São Damião fez a São Francisco de Assis: “Reconstrói a minha Igreja”. (FERNANDES, 2017, p. 44), missão esta que Papa Francisco também assumiu, reconstruir a Igreja Católica, tentando resolver as falhas na Igreja, discurso este tão bem materializado em forma de ações e de palavras, o qual nos deteremos no capítulo que segue.

## 4 METODOLOGIA E ANÁLISE

Com os estudos elaborados sobre *ethos*, autoria e discurso religioso, fizemos uma seleção do *corpus* que será explicitado no tópico 4.1 sobre procedimentos metodológicos e no 4.2 abordaremos a análise do *corpus* com base nas teorias discutidas no decorrer do nosso trabalho.

### 4.1 Procedimento metodológico

O discurso do Papa Francisco levou os fiéis a repensarem a maneira de abordar alguns temas tidos como *tabus* não só pela Igreja, mas na sociedade em geral, como o aborto, homossexualismo, questões de pedofilia e corrupção entre membros da Igreja. As declarações do Papa Francisco apresentam uma posição da Igreja mais aberta a diálogos sobre tais temas, pois proporciona maior espaço para discussões sobre os temas antes evitados por representar uma “mancha” na imagem da instituição religiosa. Tendo em vista, esse novo cenário da Igreja, o nosso trabalho buscou discursos do Papa que abordassem tais temas tidos como polêmicos, que por sua vez contribuiu para o acolhimento de novos fiéis, sobretudo dos mais pobres e marginalizados socialmente.

Buscando identificar a construção do *ethos* e marcas de autoria no discurso do Papa Francisco nos aparamos na AD de linha francesa, utilizando como base Mainguenu (1997, 2005, 2008...), Orlandi (1987, 2002, 2010), e autores que trata de marcas de autoria como Grigoletto (2006), Coracini (2009), dentre outros, identificando como se dá a construção do *ethos* do Papa e analisando como se apresenta as marcas de autoria dentro de seu discurso.

Para tal, fizemos a coleta de alguns discursos do Papa no *site* da Santa Sé sobre os temas citados. Optamos por este *site* devido este expor arquivos que apresentam o posicionamento da Igreja sobre diversos temas sociais e por demonstrar o posicionamento do próprio Papa nas homílias, discursos e Cartas Apostólicas.

Após a coleta dos discursos, estes foram organizados em temas afins para uma análise mais completa, com o objetivo de indicar sua representação sobre cada tema, fazendo um estudo descritivo-analítico, em que o discurso é descrito e em

seguida é elaborada uma análise dos textos. Os discursos foram agrupados em categorias de temas: 1) Aborto, 2) Homossexualismo, 3) Pobres, 4) Representação feminina, e 5) Pedofilia, depois identificamos traços de subjetividade, compondo o *ethos* e marcas que comprovem a autoria dos textos, levando em conta os níveis de categorização de autoria segundo Maingueneau estabelece em suas instâncias.

## 4.2 O discurso do Papa Francisco

### 1) aborto

#### Exemplo 1

214. [...] é uma questão que mexe com a coerência interna da nossa mensagem sobre o valor da pessoa humana, não se deve esperar que a Igreja altere a sua posição sobre esta questão. A propósito, quero ser completamente honesto. Este não é um assunto sujeito a supostas reformas ou «modernizações». Não é opção progressista pretender resolver os problemas, eliminando uma vida humana. Mas é verdade também que temos feito pouco para acompanhar adequadamente as mulheres que estão em situações muito duras, nas quais o aborto lhes aparece como uma solução rápida para as suas profundas angústias, particularmente quando a vida que cresce nelas surgiu como resultado duma violência ou num contexto de extrema pobreza. Quem pode deixar de compreender estas situações de tamanho sofrimento? (Evangelii Gaudium: exortação apostólica sobre o anúncio do evangelho no mundo atual, 24 de novembro de 2013, p.70)

#### Exemplo 2

O aborto acrescenta-se à dor de muitas mulheres, que agora trazem dentro de si profundas feridas físicas e espirituais, depois de ter cedido às pressões de uma cultura secular que desvaloriza o dom de Deus da sexualidade e o direito à vida dos nascituros. (Discurso do Papa Francisco aos bispos da conferência episcopal do Botswana, África do Sul e Suazilândia em visita «ad limina apostolorum» Sexta-feira, 25 de Abril de 2014, p. 02)

#### Exemplo 3

O grau de progresso de uma civilização mede-se precisamente pela capacidade de salvar a vida, sobretudo nas suas fases mais frágeis, mais do que pela difusão de instrumentos tecnológicos. Quando falamos do homem, nunca esqueçamos todos os atentados contra a sacralidade da vida humana. É atentado contra a vida o flagelo do aborto. É atentado contra a vida deixar morrer os nossos

irmãos nas embarcações no canal da Sicília. É atentado contra a vida a morte no trabalho, porque não se respeitam as mínimas condições de segurança. É atentado contra a vida a morte por subalimentação. São atentados contra a vida o terrorismo, a guerra e a violência; mas também a eutanásia. Amar a vida é sempre cuidar do outro, desejar o seu bem, cultivar e respeitar a sua dignidade transcendente. (Discurso do Papa Francisco aos participantes ao encontro promovido pela associação ciência e vida sala clementina sábado, 30 de maio de 2015, p. 02)

#### **Exemplo 4**

O drama do aborto é vivido por alguns com uma consciência superficial, quase sem se dar conta do gravíssimo mal que um gesto semelhante comporta. Muitos outros, ao contrário, mesmo vivendo este momento como uma derrota, julgam que não têm outro caminho a percorrer. Penso, de maneira particular, em todas as mulheres que recorreram ao aborto. Conheço bem os condicionamentos que as levaram a tomar esta decisão. Sei que é um drama existencial e moral. Encontrei muitas mulheres que traziam no seu coração a cicatriz causada por esta escolha sofrida e dolorosa. O que aconteceu é profundamente injusto; contudo, só a sua verdadeira compreensão pode impedir que se perca a esperança. O perdão de Deus não pode ser negado a quem quer que esteja arrependido, sobretudo quando com coração sincero se aproxima do Sacramento da Confissão para obter a reconciliação com o Pai. Também por este motivo, não obstante qualquer disposição em contrário, decidi conceder a todos os sacerdotes para o Ano Jubilar a faculdade de absolver do pecado de aborto quantos o cometeram e, arrependidos de coração, pedirem que lhes seja perdoado. Os sacerdotes se preparem para esta grande tarefa sabendo conjugar palavras de acolhimento genuíno com uma reflexão que ajude a compreender o pecado cometido, e indicar um percurso de conversão autêntica para conseguir entender o verdadeiro e generoso perdão do Pai, que tudo renova com a sua presença. (Carta do Papa Francisco com a qual se concede a indulgência por ocasião do jubileu extraordinário da misericórdia, vaticano, 1 de setembro de 2015, p. 2-3)

#### **Exemplo 5**

O aborto não é um «mal menor». É um crime. É eliminar uma pessoa para salvar outra. É aquilo que faz a máfia. É um crime, é um mal absoluto. Quanto à aplicação do «mal menor» ao evitar a gravidez: falamos em termos de conflito entre o quinto e o sexto mandamento. Paulo VI – o grande! –, numa situação difícil, na África, permitiu às Irmãs usar contraceptivos para os casos de violência. É preciso não confundir o mal de apenas evitar a gravidez com o mal do aborto. O aborto não é um problema teológico: é um problema humano, é um problema médico. Mata-se uma pessoa para salvar outra (na melhor das hipóteses!) ou para nossa comodidade. É contra o Juramento de Hipócrates, que os médicos devem fazer. É mal em si mesmo, não um mal religioso – na raiz, não; é um mal humano. E, obviamente, uma vez que é um mal humano – como cada assassinato – é condenável. Caso diferente é evitar a gravidez, que não é um mal absoluto, e em certos casos – como aquele que mencionei do Beato Papa Paulo VI – era claro. Dito

isto, gostaria de animar os médicos para que façam o máximo possível por encontrar as vacinas contra estas duas melgas portadoras deste mal: nisto, há que trabalhar. Obrigado! (Viagem apostólica ao México: entrevista coletiva durante o voo de regresso a Roma, 17 de fevereiro de 2016, p.7-8)

### **Exemplo 6**

179. A adopção é um caminho para realizar a maternidade e a paternidade de uma forma muito generosa, e desejo encorajar aqueles que não podem ter filhos a alargar e abrir o seu amor conjugal para receber quem está privado de um ambiente familiar adequado. Nunca se arrependerão de ter sido generosos. Adotar é o acto de amor que oferece uma família a quem não a tem. É importante insistir para que a legislação possa facilitar o processo de adopção, sobretudo nos casos de filhos não desejados, evitando assim o aborto ou o abandono. Aqueles que assumem o desafio de adoptar e acolhem uma pessoa de maneira incondicional e gratuita, tornam-se mediação do amor de Deus que diz: « Ainda que a tua mãe chegasse a esquecer-te, Eu nunca te esqueceria » (cf. Is 49, 15). (Exortação apostólica pós-sinodal, *Amoris Lætitia*, p. 140-141, 19 de março de 2016).

### **Exemplo 7**

12. Em virtude desta exigência, para que nenhum obstáculo exista entre o pedido de reconciliação e o perdão de Deus, concedo a partir de agora a todos os sacerdotes, em virtude do seu ministério, a faculdade de absolver a todas as pessoas que incorreram no pecado do aborto. Aquilo que eu concedera de forma limitada ao período jubilar<sup>[14]</sup> fica agora alargado no tempo, não obstante qualquer disposição em contrário. Quero reiterar com todas as minhas forças que o aborto é um grave pecado, porque põe fim a uma vida inocente; mas, com igual força, posso e devo afirmar que não existe algum pecado que a misericórdia de Deus não possa alcançar e destruir, quando encontra um coração arrependido que pede para se reconciliar com o Pai. Portanto, cada sacerdote faça-se guia, apoio e conforto no acompanhamento dos penitentes neste caminho de especial reconciliação. (Carta apostólica, *Misericordia et misera*, 20 de novembro de 2016, p.8-9)

O “Exemplo 1” foi retirado do livro “*Evangelii Gaudium*” onde o Papa Francisco fala no seu primeiro ano papal das dificuldades encontradas no mundo atual e sobre questões familiares e da aproximação dos fiéis a Igreja. O Papa expõe que a Igreja não irá mudar sua postura acerca do aborto, porém as pessoas que praticaram aborto precisam ser aparadas e suas razões ouvidas, como no seguinte trecho de seu discurso:

Este não é um assunto sujeito a supostas reformas ou «modernizações» [...] Mas é verdade também que temos feito pouco para acompanhar adequadamente as mulheres que estão em situações muito duras, nas quais o aborto lhes aparece como uma solução rápida para as suas profundas angústias, particularmente quando a vida que cresce nelas surgiu como resultado duma violência ou num contexto de extrema pobreza. (PAPA FRANCISCO, 2013).

Ao colocar esses dois extremos, o Papa coloca a visão da Igreja e demonstra seu ponto sobre o assunto, apresentando a postura que assumiu ao se tornar o novo Papa, de um líder mais aberto a discussões e acolhimento dos mais necessitados, pois como o próprio Papa afirmou São Francisco, o Santo que o expirou o seu nome de Papa, “é o exemplo de excelência do cuidado pelo o que é frágil [...] Manifestou uma atenção particular pela criação de Deus e pelos mais pobres e abandonados.” (FRANCISCO, 2015, p. 10)

No “Exemplo 2” em uma conferência na África do Sul, o Papa falou do sofrimento e da dor das mulheres que por algum motivo tiveram que optar pelo aborto, “O aborto acrescenta-se à dor de muitas mulheres, que agora trazem dentro de si profundas feridas físicas e espirituais” (PAPA FRANCISCO, 2014), demonstrando misericórdia, algo que ele prega desde de sua escolha como Papa. No “Exemplo 3” Francisco fala como na civilização atual a vida é tratada com descanso, mencionando além do aborto, “atentados contra vida” citando as guerras e a eutanásia, terrorismo e a crescente violência, pois todos esses atentados contrariam tudo o que a Igreja prega, pois, o homem não pode decidir quem vai e quando vai morrer, caso contrário estaria se apropriando de algo que diz respeito a Deus, o direito à vida.

O “Exemplo 4” é um trecho da Carta sobre o Jubileu da Misericórdia, onde o Papa retoma novamente o tema do aborto, fala das dores e causas que levaram as mulheres a optarem por essa medida, e por causa do ano do Jubileu da Misericórdia o Papa Francisco concede aos padres e bispos o direito de perdoar as pessoas que cometeram aborto, pois o “perdão de Deus não pode ser negado a quem quer que esteja arrependido” independente do pecado que tenha cometido, se estiver de fato arrependido e buscar o perdão, para tal as pessoas teriam que ir até Deus, por meio da confissão, mas para aqueles que não pudessem se locomover até a Igreja, Francisco disse que aqueles que se arrependessem de coração estariam perdoados, pois “Deus perdoa tudo e acolhe a todos”. (PAPA FRANCISCO, 2015).

O “Exemplo 5” é uma resposta à indagação da repórter Paloma Garcia Ovejero a respeito da opinião do Papa sobre o aborto e os métodos contraceptivos como um “mal menor” para evitar os riscos do Zika vírus a mulheres grávidas. O Papa respondeu que o “O aborto não é um «mal menor». É um crime” (PAPA FRANCISCO, 2016). E os métodos contraceptivos em alguns casos não é um mal absoluto, como em caso de situações de riscos, mas afirma que o mal dos contraceptivos não pode ser confundido com o mal do aborto e que os médicos não devem concordar com isso.

No “Exemplo 6”, o Papa fala da importância da adoção como um meio para evitar o aborto, como no trecho “É importante insistir para que a legislação possa facilitar o processo de adoção, sobretudo nos casos de filhos não desejados, evitando assim o aborto ou o abandono” (PAPA FRANCISCO, 2016) e fazer com que crianças que não tenham um lar digno possam fazer parte de uma família, saindo da estatística de crianças abandonadas, ainda menciona a importância do poder legislativo facilitar o processo de adoção, colaborando com as pessoas que desejam ter filhos e não podem gerar, conforme Papa Francisco (2016) “Aqueles que assumem o desafio de adotar e acolhem uma pessoa de maneira incondicional e gratuita, tornam-se mediação do amor de Deus”.

No “Exemplo 7”, Papa Francisco alarga o direito aos sacerdotes de perdoar as pessoas que cometeram aborto, no “Exemplo 4” determinava que esse direito era somente no período do Jubileu da Misericórdia, mas o Papa constatou que “não existe algum pecado que a misericórdia de Deus não possa alcançar e destruir, quando encontra um coração arrependido que pede para se reconciliar com o Pai.” Sendo assim, o Papa entendeu que os sacerdotes precisam escutar e confortar aquelas que passaram pela dor do aborto.

De acordo com uma nota divulgada pela CNBB (CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, 2017):

É um grave equívoco pretender resolver problemas, como o das precárias condições sanitárias, através da descriminalização do aborto. Urge combater as causas do aborto, através da implementação e do aprimoramento de políticas públicas que atendam eficazmente as mulheres, nos campos da saúde, segurança, educação sexual, entre outros, especialmente nas localidades mais pobres do Brasil. Espera-se do Estado maior investimento e atuação eficaz no cuidado das gestantes e das crianças. É preciso assegurar às mulheres pobres o direito de ter

seus filhos. Ao invés de aborto seguro, o Sistema Público de Saúde deve garantir o direito ao parto seguro e à saúde das mães e de seus filhos.

Conforme a CNBB, o aborto não é a solução para os problemas da gravidez indesejada e sim políticas de conscientização e educação sexual, além de investir na saúde para garantir que as mulheres passem por uma gravidez com tranquilidade e segura. Durante as declarações do Papa Francisco em nenhum momento ele se mostrou a favor do aborto e nem poderia porque estaria indo contra os ideais da Igreja Católica e ferindo o quinto mandamento, não matar, porém sempre se mostrou misericordioso com quem vivenciou a experiência do aborto e sofre com a dor do arrependimento, essas pessoas merecem o perdão, e como Deus “esquece” o pecado elas também devem esquecer após o perdão. (PAPA FRANCISCO, 2013).

Ao abordar o tema sobre o aborto, Papa Francisco assume a ideologia que Cristo pregou, ser misericordioso, ouvir e está disposto a acolher a todos independente de seus pecados. Ao imergir nessa ideologia ele mostra sua subjetividade ao elaborar seus discursos, que influência na sua formação discursiva, assumindo um *ethos* que reflete a imagem de São Francisco, como o Santo que escolheu para se inspirar na caminhada de seu papado.

A referência a São Francisco se torna evidente no seu *ethos* dito, pois como São Francisco que abriu mão de sua riqueza e vaidades e se vestiu de amor ao próximo e compaixão, o Papa Francisco também tem tentado fazer o mesmo ao conduzir o legado de Pedro, o primeiro Papa, ganhando cada vez mais admiradores pela sua humildade, personalidade forte e discurso conciso, acessíveis a todos os níveis da sociedade. O seu comportamento diante dos fiéis remete a estereótipos ligados essencialmente ao Santo homenageado que se fez pobre como Cristo para se enriquecer espiritualmente, estereótipos estes segundo Maingueneau que são condizentes com o mundo ético ao qual o sujeito do discurso está condicionado.

## **2) Homossexualismo**

### **Exemplo 1**



Escreve-se muito sobre a lobby<sup>7</sup> gay. Eu ainda não encontrei ninguém com o bilhete de identidade no Vaticano dizendo que é «gay». Dizem que há. Eu acho que, quando alguém se encontra com uma pessoa assim, deve distinguir entre o fato de que uma pessoa seja gay e o fato de formar uma lobby, porque as lobby nem todas são boas. Isso é mau. Se uma pessoa é gay e procura o Senhor e tem boa vontade, quem sou eu para a julgar? O Catecismo da Igreja Católica explica isso muito bem, dizendo – esperem um pouco... como diz... -: «Não se devem marginalizar estas pessoas por isso, devem ser integradas na sociedade». O problema não é ter essa tendência, não; devemos ser irmãos, porque este é apenas um; mas se há mais outro, outro. O problema é fazer lobby dessa tendência: lobby de gananciosos, lobby de políticos, lobby dos maçons, tantas lobby. A meu ver, este é o problema mais grave. (Encontro com os jornalistas durante o voo de regresso à Roma, 28 de julho de 2013, p.20)

## Exemplo 2

250. A Igreja conforma o seu comportamento ao do Senhor Jesus que, num amor sem fronteiras, se ofereceu por todas as pessoas sem exceção. Com os Padres sinodais, examinei a situação das famílias que vivem a experiência de ter no seu seio pessoas com tendência homossexual, experiência não fácil nem para os pais nem para os filhos. Por isso desejo, antes de mais nada, reafirmar que cada pessoa, independentemente da própria orientação sexual, deve ser respeitada na sua dignidade e acolhida com respeito, procurando evitar « qualquer sinal de discriminação injusta e particularmente toda a forma de agressão e violência. Às famílias, por sua vez, deve-se assegurar um respeitoso acompanhamento, para que quantos manifestam a tendência homossexual possam dispor dos auxílios necessários para compreender e realizar plenamente a vontade de Deus na sua vida. (Exortação apostólica pós-sinodal, *Amoris Lætitia*, 19 de março de 2016, p. 198)

## Exemplo 3

251. No decurso dos debates sobre a dignidade e a missão da família, os Padres sinodais anotaram, quanto aos projetos de equiparação ao matrimónio das uniões entre pessoas homossexuais, que não existe fundamento algum para assimilar ou estabelecer analogias, nem sequer remotas, entre as uniões homossexuais e o desígnio de Deus sobre o matrimónio e a família. É « inaceitável que as Igrejas locais sofram pressões nesta matéria e que os organismos internacionais condicionem a ajuda financeira aos países pobres à introdução de leis que instituem o “matrimónio” entre pessoas do mesmo sexo ». (Exortação apostólica pós-sinodal, *Amoris Lætitia*, 19 de março de 2016, p.198-199)

---

<sup>7</sup> Cf. Conrad (2007), aquele que influi na votação do Congresso. CONRAD, D. Minidicionário escolar de inglês: inglês – português, português – inglês. São Paulo: DCL, 2007.

Outro assunto que o Papa levantou foi sobre o acolhimento dos homossexuais. No “Exemplo 1”, sobre os homossexuais, Papa Francisco responde a jornalista Ilze Scamparini sobre sua opinião a respeito de existir uma *Lobby gay* no Vaticano, o Papa afirma que não encontrou ninguém no Vaticano que se identificasse como *gay*, mas assegurou que existe o boato, e disse que se realmente existir é preciso saber distinguir o fato da pessoa ser *gay* do fato de compor uma *lobby*, pois o problema não está em a pessoa ser *gay* e sim em fazer parte de uma *lobby* porque para ele nem todas as *lobby* são boas e ainda comenta: “Se uma pessoa é *gay* e procura o Senhor e tem boa vontade, quem sou eu para a julgar?”.

Essa questão da *lobby gay* foi levantada após o Monsenhor Batista Ricca ser apontado como membro dessa *lobby* no Vaticano, e tomou proporções maiores após Mons. Ricca ter sido promovido a prelado<sup>8</sup> pelo Papa Francisco e uma de suas funções era de Supervisor do Conselho Administrativo do Banco do Vaticano, logo boatos sobre a vida íntima do Monsenhor vieram à tona, acusado de utilizar de sua influência religiosa para fazer favores a supostos amantes; porém de acordo com Papa Francisco foi aberta uma investigação sobre o assunto, mas nada foi provado e o Vaticano entendeu que as informações sobre Ricca não passavam de boatos e informações não confiáveis.

No “Exemplo 2”, Papa Francisco equipara a missão da Igreja com os propósitos vividos por Jesus Cristo, quando esteve no plano terreno acolheu a todos sem distinção e reafirmou esse propósito: “[...] desejo, antes de mais nada, reafirmar que cada pessoa, independentemente da própria orientação sexual, deve ser respeitada na sua dignidade e acolhida com respeito”. Pediu que as famílias olhassem para seus filhos que apresentam tendências homossexuais para guiá-los no caminho do propósito de Deus, de amor e acolhimento.

No “Exemplo 3”, o Papa fala do matrimônio entre pessoas do mesmo sexo, ele afirma que não se pode comparar o matrimônio entre um homem e uma mulher a uma união entre pessoas do mesmo sexo e ainda repudia as pressões expostas às igrejas de aceitar tal união, pois essa união não é o modelo de família pregada por Deus, porém relembra que “Já não se adverte claramente que só a união

---

<sup>8</sup> “Título de honra atribuído a certos eclesiásticos que ocupam cargos altos e muito importantes dentro da Igreja Católica (bispos, arcebispos, chefes de ordens religiosas); ordinário.” Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/prelado/>>. Acessado em 19 de jun. 2018.

exclusiva e indissolúvel entre um homem e uma mulher realiza uma função social plena [...] Devemos reconhecer a grande variedade de situações familiares que podem fornecer uma certa regra de vida” (FRANCISCO, 2016, p. 44-45).

O acesso dos homossexuais à Igreja por muito tempo era algo que muitos achavam impossível devido sua opção sexual ser considerada um pecado, uma das mudanças que Papa Francisco promoveu foi a abertura de espaço aos homossexuais, durante seus discursos o pontífice se refere ao homossexualismo de tendência, por meio dos quais, ao abrir as discussões sobre a inclusão dos gays, o Papa ganhou a simpatia do grupo porque pela primeira vez um membro da Igreja se mostrou a favor dos direitos do público gay. Mesmo não concordando que o matrimônio entre pessoas do mesmo sexo não pode ser equiparado ao matrimônio entre um homem e uma mulher, o Papa Francisco fala da necessidade de reconhecemos os novos modelos de família e avaliar cada uma em sua peculiaridade.

A cenografia construída em seu discurso comporta duas representações de seu *ethos*: 1) se mostra como um “herói” defensor dos direitos dos homossexuais e acolhimento e respeito pelas suas escolhas, pois todos merecem ser amados e acolhidos pela Igreja. Vista como uma extensão do reino de Deus, a casa do senhor, e o próprios Deus, não abandonam seus filhos em nenhuma circunstância e como representante seu aqui na terra o Papa deve se comportar como tal; e 2) um *ethos* um pouco mais conservador por não equiparar o valor do matrimônio entre pessoas do mesmo sexo e sexos diferentes e por deixar claro que a Igreja não poderia fazer isso porque estaria sendo contra o “desenho de Deus”.

### **3) Pobres**

#### **Exemplo 1**

50. Hoje, em muitas partes, reclama-se maior segurança. Mas, enquanto não se eliminar a exclusão e a desigualdade dentro da sociedade e entre os vários povos será impossível desarraigá-la a violência. Acusam-se da violência os pobres e as populações mais pobres, mas, sem igualdade de oportunidades, as várias formas de agressão e de guerra encontrarão um terreno fértil que, mais cedo ou mais tarde, há-de provocar a explosão. Quando a sociedade – local, nacional ou mundial – abandona na periferia uma parte de si mesma, não há programas políticos, nem forças da ordem ou serviços secretos que possam garantir indefinidamente a

tranquilidade. Isto não acontece apenas porque a desigualdade social provoca a reacção violenta de quantos são excluídos do sistema, mas porque o sistema social e económico é injusto na sua raiz. Assim como o bem tende a difundir-se, assim também o mal consentido, que é a injustiça, tende a expandir a sua força nociva e a minar, silenciosamente, as bases de qualquer sistema político e social, por mais sólido que pareça. Se cada acção tem consequências, um mal embrenhado nas estruturas duma sociedade sempre contém um potencial de dissolução e de morte. É o mal cristalizado nas estruturas sociais injustas, a partir do qual não podemos esperar um futuro melhor. Estamos longe do chamado «fim da história», já que as condições dum desenvolvimento sustentável e pacífico ainda não estão adequadamente implantadas e realizadas. (Exortação apostólica Evangelii Gaudium, 24 de novembro de 2013, p.23)

### **Exemplo 2**

197. No coração de Deus, ocupam lugar preferencial os pobres, tanto que até Ele mesmo «Se fez pobre» (2 Cor 8, 9). Todo o caminho da nossa redenção está assinalado pelos pobres. Esta salvação veio a nós, através do «sim» duma jovem humilde, duma pequena povoação perdida na periferia dum grande império. O Salvador nasceu num presépio, entre animais, como sucedia com os filhos dos mais pobres; foi apresentado no Templo, juntamente com dois pombinhos, a oferta de quem não podia permitir-se pagar um cordeiro (cf. Lc 2, 24; Lv 5, 7); cresceu num lar de simples trabalhadores, e trabalhou com suas mãos para ganhar o pão. Quando começou a anunciar o Reino, seguiam-No multidões de deserdados, pondo assim em evidência o que Ele mesmo dissera: «O Espírito do Senhor está sobre Mim, porque Me ungiu para anunciar a Boa Nova aos pobres» (Lc 4, 18). A quantos sentiam o peso do sofrimento, acabrunhados pela pobreza, assegurou que Deus os tinha no âmago do seu coração: «Felizes vós, os pobres, porque vosso é o Reino de Deus» (Lc 6, 20); e com eles Se identificou: «Tive fome e destes-Me de comer», ensinando que a misericórdia para com eles é a chave do Céu (cf. Mt 25, 34-40). (Exortação apostólica Evangelii Gaudium, 24 de novembro de 2013, p. 65-66).

### **Exemplo 3**

“Vivemos numa cultura do desencontro, uma cultura da fragmentação, do descartável [...] não é notícia quando um sem-teto morre de frio”, no entanto “a pobreza é uma categoria teologal, porque o Filho de Deus se rebaixou para caminhar pelas ruas. [...] Uma Igreja pobre para os pobres começa pelo dirigir-se à carne de Cristo. Se nos fixamos na carne de Cristo, começamos a compreender qualquer coisa, a compreender o que é esta pobreza, a pobreza do Senhor”. (Carta circular alegrai-vos, 02 de fev de 2014, p. 40).

Outro tema bastante abordado pelo Papa Francisco ao longo do seu papado são os cuidados com os pobres. O “Exemplo 1” fala da desigualdade e exclusão social como fatores agravantes para a falta de segurança no mundo atual, e da

atribuição de responsabilidade aos pobres pelas manifestações de violência. Segundo o Papa (2013) quando as autoridades excluem uma parte da sociedade, como o que acontece com as periferias, sem direitos essenciais como moradia, saúde e saneamento básico em algum momento esse grupo irá tentar encontrar alguma maneira de sobreviver e todos esses fatores e falta de igualdade, de oportunidades, abrirão espaço para a proliferação da violência, pois se torna “um terreno fértil”. E ainda acrescenta que a base social e econômica da sociedade moderna é injusta e para que haja mudanças na sociedade é preciso primeiro haver mudanças na base, no poder público, caso contrário uma realidade melhor se torna impossível.

No “Exemplo 2”, o Papa fala da experiência de Jesus Cristo na terra, que se fez pobre para ficar mais próximo do povo, nasceu de uma jovem de um pequeno povoado, teve que trabalhar para se sustentar, cresceu no seio de uma família humilde, se tornando acessível a todos e é “o caminho da humildade de Jesus Cristo que, sendo rico, se fez pobre para nos enriquecer precisamente com a sua pobreza. Este é o caminho para servir Deus.” (PAPA FRANCISCO, 2013).

O “Exemplo 3”, trata do que Papa Francisco denominou da cultura do descartável, em que nada é levado muito a sério e que todas as coisas e pessoas são descartáveis, citando o exemplo da morte de um homem de rua que não é noticiada, pois ninguém se interessa pela vida de um anônimo, pobre, mas novamente o Papa relembra que Deus foi pobre e em sua encíclica ele também menciona a pobreza de São Francisco, em que “a pobreza e a austeridade de São Francisco não eram simplesmente um ascetismo exterior, mas algo de radical: uma renúncia a fazer da realidade um mero objeto de uso e domínio”. (PAPA FRANCISCO, 2015, p. 12). O compromisso com os pobres foi algo que Papa Francisco assumiu desde do início de sua caminhada papal, e esse compromisso foi exaltado em seu terceiro dia de episcopado de Roma quando em um discurso ele manifestou o desejo de construir “uma Igreja pobre e para os pobres!”, que não se limite aos templos, mas que sai às ruas e alcance as periferias, uma Igreja misericordiosa, humilde e pura em sua essência.

A preocupação com os pobres é algo que tem marcado o episcopado de Papa Francisco, e foi justamente por eles que Bergoglio escolheu se chamar Francisco, quando o Cardeal pediu para ele cuidar dos pobres ele logo se lembrou de São Francisco de Assis. Essa mudança de nome após assumir o posto de Papa

de acordo com Monteiro (2016) citando Aquino (2009) ocorria e ainda perdura a partir de uma nova missão dada aos indivíduos como o que aconteceu com várias figuras da Bíblia, como cita Monteiro (2016, p. 22):

Abrão (que significa 'pai elevado'), figura do antigo testamento, torna-se posteriormente Abraão (que significa pai de uma multidão) devido à missão que Deus lhe outorga de guiar o Seu povo. A esposa de Abraão chamada Sarai (que significa 'estéril'), também tem seu nome mudado a partir da benção que Deus lhe concede de conceber um filho e torna-se Sara (que significa 'fértil'). O primeiro papa da história da Igreja também teve seu nome modificado. São Pedro que se chamava Simão (que significa 'aquele que ouve') tornou-se Pedro (que significa 'pedra, rocha') quando Jesus o chamou para a missão de segui-lo e principalmente de guiar a sua Igreja: "(...) Tu és Pedro e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja (...)". (Mt 16:18).

Conforme Monteiro (2016), após o primeiro Papa Pedro, que antes se chamava Simão, o primeiro papa a mudar de nome foi Mercúrio, em 533, mas não por assumir uma nova missão e sim por seu nome se tratar de um nome de um deus pagão. São Francisco também mudou de nome antes de assumir o compromisso de reconstruir a Igreja, na cidade de Assis na Itália, se chamava Giovanni di Pietro diBernardone. Ao assumir o nome de Francisco se apropria de uma memória ideológica, construindo seu *ethos* por meio da moral pregada por São Francisco de Assis, de um ser digno, íntegro e verdadeiro, e o *ethos* moral do locutor juntamente com o *ethos* neutro, segundo Eggs (2005), colaboram com o convencimento do alocutário no discurso do locutor.

#### 4) Representação feminina

##### Exemplo 1

[...] Uma Igreja sem as mulheres é como o Colégio Apostólico sem Maria. O papel das mulheres na Igreja não é só a maternidade, a mãe de família, mas é mais forte: é precisamente o ícone da Virgem Maria, de Nossa Senhora; aquela que ajuda a Igreja a crescer. Mas pensem que Nossa Senhora é mais importante que os Apóstolos! É mais importante! A Igreja é feminina: é Igreja, é esposa, é mãe. Mas, na Igreja, a mulher não deve apenas... - não sei como dizer em italiano – o papel da mulher na Igreja não deve circunscrever-se a ser mãe, trabalhadora. Limitá-la não! É outra coisa! Mas os Papas... Paulo VI escreveu uma coisa bonita sobre as mulheres, mas acho que se deve avançar mais na explicitação deste papel e carisma da mulher. Você não pode entender uma Igreja sem mulheres, mas

mulheres ativas na Igreja, com o seu perfil, que fazem avançar. Vem-me à mente um exemplo que não tem nada a ver com a Igreja, mas é um exemplo histórico: na América Latina, o Paraguai. Para mim, a mulher do Paraguai é a mulher mais gloriosa da América Latina. Você é paraguaio? Após a guerra, ficaram oito mulheres para cada homem, e essas mulheres fizeram uma escolha um pouco difícil: a escolha de ter filhos para salvar a pátria, a cultura, a fé e a língua. Na Igreja, temos de pensar a mulher sob essa perspectiva de escolhas arriscadas, mas como mulheres. Isso deve ser explicitado melhor. Eu acho que ainda não se fez uma profunda teologia da mulher na Igreja. Limitamo-nos a dizer que pode fazer isto, pode fazer aquilo, agora faz a coroinha, depois faz a Leitura, é a presidente da Caritas... Mas, há muito mais! É necessário fazer uma profunda teologia da mulher. Isso é o que eu penso. (Encontro com os jornalistas durante o voo de regresso à Roma, 28 de julho de 2013, Francisco, p. 11-12)

### **Exemplo 2**

Eu queria explicar um pouco mais o que eu disse sobre a participação das mulheres na Igreja: não pode ser limitada ao fato que faça a coroinha ou a presidente da Caritas, a catequista... Não! Deve ser mais, mas profundamente mais, inclusive misticamente mais, juntamente com aquilo eu já disse da teologia da mulher. E, quanto à ordenação das mulheres, a Igreja falou e disse: «Não». Disse isso João Paulo II, mas com uma formulação definitiva. Aquela porta está fechada. Mas, a propósito disso, eu quero dizer-lhe uma coisa. Eu já disse isso, mas repito. Nossa Senhora, Maria, era mais importante que os Apóstolos, os bispos, os diáconos e os presbíteros. A mulher, na Igreja, é mais importante que os bispos e os presbíteros; o é que devemos procurar explicitar como melhor, porque eu acho que falta uma explicação teológica disso. Obrigado. (Encontro com os jornalistas durante o voo de regresso à Roma, 28 de julho de 2013, Francisco, p. 13)

### **Exemplo 3**

212. Duplamente pobres são as mulheres que padecem situações de exclusão, maus-tratos e violência, porque frequentemente têm menores possibilidades de defender os seus direitos. E todavia, também entre elas, encontramos continuamente os mais admiráveis gestos de heroísmo quotidiano na defesa e cuidado da fragilidade das suas famílias. (Exortação apostólica Evangelii Gaudium, 24 de novembro de 2013, p. 69)

Papa Francisco em seus discursos tem mencionando bastante a importância do papel feminino na Igreja e no “Exemplo 1” aborda o fato de que seu espaço deve ser expandindo, pois, o espaço reservado às mulheres na Igreja ainda é pequeno diante de sua importância, para entendermos a sua importância ele cita o exemplo da Virgem Maria que é mais importante que todos os apóstolos, que disse “sim” ao propósito de gerar e cuidar do filho de Deus, o Salvador, para que ele pudesse cumprir o seu destino; e o exemplo da mulher paraguaia que assumiu a tarefa de ter

filhos para salvar sua cultura após a guerra, relatando a força e a coragem feminina. “Na Igreja, temos de pensar a mulher sob essa perspectiva de escolhas arriscadas, mas como mulheres. Isso deve ser explicitado melhor” (PAPA FRANCISCO, 2013).

No “Exemplo 2” o Papa Francisco continua falando da importância do papel da mulher na Igreja e de seu espaço não ficar limitando apenas como coroinhas, ou reservado a leituras na Igreja, além de protetoras das famílias as mulheres merecem ser reconhecidas como merecedoras de papéis mais efetivos na Igreja, e ressalta a necessidade de haver um estudo teológico acerca do papel feminino, pois a “mulher, na Igreja, é mais importante que os bispos e os presbíteros; o é que devemos procurar explicitar como melhor, porque eu acho que falta uma explicação teológica disso.” (PAPA FRANCISCO, 2013).

No “Exemplo 3” o Papa Francisco fala que “Duplamente pobres são as mulheres que padecem situações de exclusão, maus-tratos e violência” (PAPA FRANCISCO, 2013), além de serem excluídas estão sujeitas a violência, e em alguns casos parte de dentro de sua própria casa, sofrendo abusos físicos e morais.

A mulher já atingiu várias conquistas na sociedade, mas há muito o que fazer para que haja de fato a igualdade entre os gêneros, ainda há uma disparidade muito grande entre o salário de homens e mulheres e em algumas culturas as mulheres não podem nem frequentar a escola. Papa Francisco aborda que como Nossa Senhora teve um papel essencial para a teologia, o papel da mulher tem que ser reavaliado dentro da Igreja, pois assim como Nossa Senhora, Madre Teresa, entre várias outras mulheres, tiveram e tem grande importância para o mundo, pela sua determinação e força.

O Papa Francisco afirma que Nossa Senhora é mais importante que os apóstolos e ressalta que se deve elaborar um estudo teológico, ao chamar a atenção do público para uma classe que por muito tempo viveu excluída. Ele tenta a aproximação do público feminino, por meio de um *logos* que atraia o público, utilizando estratégias como exaltar a importância feminina e suas qualidades e da necessidade de expansão de seu espaço dentro da Igreja.

## **5) Pedofilia**

### **Exemplo 1**



Sinto no meu coração angústia e pesar pelo facto de alguns padres e bispos terem violado a inocência de menores – e a sua própria vocação sacerdotal –, abusando deles sexualmente. Trata-se de algo mais que actos ignóbeis; é uma espécie de culto sacrílego, porque estes meninos e meninas tinham sido confiados ao carisma sacerdotal para os conduzir a Deus e eles sacrificaram-nos ao ídolo da sua concupiscência. Profanaram a própria imagem de Deus, pois foi à imagem d’Ele que fomos criados. A infância – todos nós o sabemos – é um tesouro. O coração jovem, tão aberto e cheio de confiança, contempla os mistérios do amor de Deus e mostra-se disponível de uma forma única para ser alimentado na fé. Hoje, o coração da Igreja contempla os olhos de Jesus nestes meninos e meninas e quer chorar. Pede a graça de chorar perante estes actos execráveis de abuso perpetrados contra os menores; actos que deixaram cicatrizes para a vida inteira. (Homilia, 7 de Julho de 2014, p. 01).

### **Exemplo 2**

Os pecados de abuso sexual contra menores por parte de membros do clero têm um efeito devastador sobre a fé e a esperança em Deus. Alguns há que se agarraram à fé, enquanto, a outros, a traição e o abandono corroeram a sua fé em Deus. A vossa presença aqui fala do milagre da esperança que prevalece sobre a mais profunda escuridão. É, sem dúvida, um sinal da misericórdia de Deus o facto de termos hoje esta oportunidade de nos encontrarmos, de adorar o Senhor, de nos fixarmos olhos nos olhos e de buscar a graça da reconciliação. Diante de Deus e do seu povo, sinto-me profundamente consternado pelos pecados e os crimes graves de abuso sexual cometidos por membros do clero contra vós e humildemente peço perdão.

Peço perdão também pelos pecados de omissão por parte dos responsáveis da Igreja que não responderam de forma adequada às denúncias de abuso apresentadas por familiares e por aqueles que foram vítimas de abuso. Isto causou ainda ulterior sofrimento àqueles que foram abusados e pôs em perigo outros menores que se encontravam em situação de risco. (Homilia, 7 de Julho de 2014, p.02).

### **Exemplo 3**

[...] O escândalo do abuso sexual é deveras uma ruína terrível para toda a humanidade, e atinge tantas crianças, jovens e adultos vulneráveis em todos os países e sociedades. Também para a Igreja foi uma experiência muito dolorosa. Sentimos vergonha pelos abusos cometidos por ministros sagrados, que deveriam ser as pessoas mais dignas de confiança. Mas experimentamos também uma chamada, que temos a certeza de que vem diretamente de nosso Senhor Jesus Cristo: acolher a missão do Evangelho para a proteção de todos os menores e adultos vulneráveis.

Permiti-me dizer com toda a clareza que o abuso sexual é um pecado horrível, em total oposição e contradição com o que Cristo e a Igreja nos ensinam. (Discurso do Papa Francisco aos membros da Pontifícia Comissão para a tutela dos menores, quinta-feira, 21 de setembro de 2017, p.01).

Papa Francisco desde que foi eleito como papa propôs questionamentos sobre temas que não ficaram totalmente esclarecidos no documento do Vaticano II e de temas que há tempo a Igreja tenta evitar, como os casos de pedofilia dentro da própria Igreja. No “Exemplo 1 ” o Papa fala durante a missa na Capela da Casa Santa Marta com algumas vítimas de abusos sexuais e do seu sentimento de pesar pelos membros da Igreja terem cometido abusos sexuais contra menores, e ressaltou que este ato de abuso é uma forma de profanação à imagem do próprio Deus, “pois foi à imagem d’Ele que fomos criados. ” (PAPA FRANCISCO, 2014), e a criança mais de que sua imagem carrega consigo uma pureza e o coração cheio de amor e esperança e quando sofrem abuso esses menores ficam com cicatrizes profundas para a vida toda.

No “Exemplo 2” Papa Francisco continua frisando que as vítimas carregam consigo cicatrizes que fazem com que alguns jovens percam a confiança na Igreja, pois as vítimas e suas famílias confiaram nos membros do clero como pastores para o caminho e compreensão dos desígnios de Deus, enquanto que outros reforçam ainda mais a sua fé como uma forma de superação, prova disso é a presença das vítimas na missa. Com isso, o pontífice aproveita a ocasião da missa para pedir perdão as vítimas pela omissão da Igreja e por não ter acolhido as denúncias das vítimas e de seus familiares. “ Isto causou ainda ulterior sofrimento àqueles que foram abusados e pôs em perigo outros menores que se encontravam em situação de risco. ” (PAPA FRANCISCO, 2014).

O “Exemplo 3” faz parte de um trecho do discurso do Papa Francisco aos membros da Pontifícia Comissão para a tutela dos menores, em que demonstra sua vergonha por haver na Igreja casos de abuso sexuais, pois como representantes de Deus os membros do clero deveriam emanar confiança e ser exemplos de santidade para os fiéis, esses escândalos são uma mancha que dificilmente se apagará, sobretudo na memória de suas vítimas, Papa Francisco ainda enfatiza que além de um crime o abuso sexual é um pecado horrível e cita como irá lidar com os casos de abusos sexuais na Igreja:

Por isso, hoje reitero mais uma vez que a Igreja, a todos os níveis, responderá com a aplicação das medidas mais firmes a quantos

atraíam a sua chamada e abusaram dos filhos de Deus. As medidas disciplinares que as Igrejas particulares adotaram devem aplicar-se a todos os que trabalham nas instituições da Igreja. Sem dúvida, a responsabilidade primordial é dos bispos, dos sacerdotes e dos religiosos, de quantos receberam do Senhor a vocação de oferecer as suas vidas ao serviço, incluindo a proteção vigilante de todas as crianças, jovens e adultos vulneráveis. Por esta razão, irrevogavelmente e a todos os níveis a Igreja pretende aplicar contra o abuso sexual de menores o princípio de “tolerância zero”. (PAPA FRANCISCO, 2017, p. 02).

Papa Francisco ressalta a necessidade de se impor medidas mais rigorosas para aqueles que cometerem o crime de abuso, demonstrando-se incomplacente com as medidas anteriormente tomadas pela Igreja, pois quando um membro da Igreja era acusado de um ato como este simplesmente o mudava de local e possivelmente continuava fazendo mais vítimas. Em uma entrevista no voo de volta a Roma, de uma viagem a Portugal, o Papa Francisco afirmou que nunca concedeu indulgência para um sacerdote que tenha cometido abuso e que nunca concederia e relatou que existe cerca de dois mil processos sobre a abuso para ser decidido, disse também que caso um sacerdote seja julgado no processo canônico e seus recursos se esgotem ele não concede perdão ao sacerdote.

Papa Francisco em seu discurso rompe com os estereótipos, que foram pregados na sociedade por um longo período da história, a de uma imagem da Igreja rigorosa, associada a um semblante triste, por muito tempo, principalmente na idade média o riso era tido como proibido e muitas vezes associado à figura do Diabo, como demonstra Vale (2017, p. 167):

Embora a linguagem e o riso sejam considerados as marcas definitivas do homem, o riso se apresenta, pelo menos no domínio das práticas religiosas cristãs, sob suspeita: a diabolização do riso e uma ética contra as suas formas criadas pelos pensadores cristãos deixaram uma mácula difícil de ser extirpada tanto pelos discursos de alguns dos “pais” da Igreja que acreditavam no uso moderado do riso (baseados na eutrapelia de Aristóteles ou na VRBANITAS dos romanos), quanto pelas práticas do riso, realizadas de forma mais ou menos consentida, dentro da Igreja (verbi gratia, os IOCA MONACHORUM) nesses dois mil anos.

Com o tempo a ideia do riso como algo diabólico foi se dissipando com a chegada de líderes religiosos que utilizavam métodos mais alegres para chamar a atenção dos fiéis, os próprios hinos da Igreja ganharam arranjos mais animados e o

surgimento de padres cantores, por exemplo, deixou a imagem triste da Igreja no passado. Até no momento do sermão os padres se utilizam do humor para atrair a atenção do público, o próprio Papa Francisco em seus discursos utiliza de estratégias cômicas, como exemplo, em uma entrevista uma jornalista comentou a respeito de uma imagem do Papa carregando uma mala, em seguida perguntou o que havia dentro dela e de imediato ele respondeu que não era a chave da bomba atômica, e sim alguns objetos pessoais, demonstrando uma imagem descontraída e alegre ao responder a pergunta da repórter, assumido um *ethos* de um ser “popular”, acessível a todos e

A função-autor pode ser atribuída aos discursos do Papa Francisco por estabelecer uma nova reflexão aos temas analisados (aborto, homossexualismo, pobres, representação feminina, e casos de pedofilia.), inscrita numa memória preconizada na Bíblia, em que, apesar de muitos posicionamentos do Papa Francisco irem de acordo com o que está escrito na Bíblia, nunca temas como homossexualidade estiveram tão abertos à discussões como durante o seu papado, se tornando referência até para aqueles que não são católicos. Papa Francisco ao assumir uma posição discursiva seleciona estratégias discursivas baseado no público ao qual ele está se direcionando, visto que de acordo com Orlandi (2004) a posição-autor se realiza pela possibilidade de interpretação do interlocutor.

Papa Francisco constrói sua imagem como um líder carismático, perceptível na maneira como ele seleciona as palavras para a realização discursiva, ao se direcionar aos homossexuais uma das palavras mais utilizadas pelo papa é o acolhimento e respeito, ao falar sobre as mulheres fala em expandir seu espaço na Igreja e para aqueles que praticaram aborto o perdão é o termo mais utilizado, enquanto para aqueles que sofreram abuso o Papa fala de tristeza, pesar e pede perdão pelos atos dos membros do clero, fazendo os grupos se sentirem à vontade para frequentar a Igreja e está na presença de Deus, confirmando o postulado por Coracini (2009) de que a imagem do sujeito é escrita na maneira como ele constrói seu enunciado, como forma de estratégias discursivas.



Para entendermos porque Papa Francisco pode ser considerado um líder carismático apresentamos o conceito de Weber (1999a e 1999b) segundo Fernandes (2017, p. 75):




[...] dominação carismática possui uma força criativa ou destrutiva que pode dar novos rumos à história, tendo a força de criar novas religiões invertendo-lhe seus dogmas ou catecismos e trazendo um novo modo de pensar de “dentro para fora”. Não obstante, pode destruir ordens e instituições dominantes abrindo portas de novas formas de vida, de uma ética, até então, não discutida ou ainda fazer surgir uma nova constituição econômica. Nesse sentido, “a dominação carismática é especificamente irracional no sentido de não conhecer regras”

Papa Francisco se enquadra como carismático justamente por romper com as barreiras do silêncio sobre temas como pedofilia dentro da Igreja e por conceder indulgências às pessoas que provocaram aborto, deixando claro que por ser representante da Igreja não pode ferir alguns conceitos básicos da Instituição, como direito a vida e valorização do modelo da família tradicional, mas a abertura a discussões sobre esses temas e sobretudo acolhimento a todos, trouxe um novo olhar sobre as pessoas que sofreram aborto, homossexuais, pobreza, representação feminina, e casos de pedofilia.

Nos discursos analisados Papa Francisco se apresenta como autor pois comporta as dimensões de autor proposta por Maingueneau (2010), assumi a responsabilidade do dizer nos discursos analisados, atua como autor-ator por produzir textos sobre os temas analisados, já que mantém uma trajetória de materiais produzidos e se efetiva como autor por ser uma autoridade nos temas aplicados no campo religioso, respaldando assim seu discurso, ganhando legitimidade e reconhecimento pelas suas palavras e alcançando *status* de autor dos discursos analisados.

As marcas de autoria no discurso do Papa Francisco são determinadas pelo uso estratégico na escolha de palavras para construir seu discurso como na esquematização abaixo:

TEMAS	SELEÇÃO DE PALAVRAS
1) Aborto	 Violência; compreender; dor; feridas; atentado contra a vida; cicatriz; o aborto é um grave pecado; perdão; reconciliação.
2) Homossexualismo	 Tendência; respeito; acolhimento; acompanhamento; dignidade.

3) Pobres		Exclusão; desigualdade; lugar preferencial; cultura do descartável.
4) Representação feminina		Nossa Senhora; mais importante; participação; defender seus direitos.
5) Pedofilia		Angústia; pesar; violado a inocência de menores; actos ignóbeis; sacrílego; cicatrizes; efeito devastador; crimes graves; perdão; escândalo; vergonha; pecado horrível.

Ao falar de aborto o papa utiliza palavras que refletem duas posições, a da Igreja quando utiliza as expressões “atentado pela vida” e “o aborto é um grave pecado”; e a posição da mulher que praticou aborto quando utiliza palavras como “dor”, “feridas”, “cicatrizes”. Ao tratar do homossexualismo, o Papa Francisco se refere como uma tendência que merece acompanhamento, sobretudo da família e utiliza palavras como “acolhimento”, “respeito” e “dignidade”. Para enfatizar a importância da mulher sempre utiliza como base o exemplo de Nossa Senhora e refere-se à mulher como “mais importante”, e utiliza palavras como “participação” e “defender seus direitos”. Sobre a pedofilia, o Papa utiliza palavras como “Angústia”, “pesar”, “vergonha” para demonstrar o seu sentimento diante do que ele chama de “crimes graves”, “actos ignóbeis”, “sacrílego”, “pecado horrível” que viola a inocência dos menores e causa “efeito devastador”, além de falar de perdão em seu discurso.

Todas essas escolhas são motivadas pela constituição do *ethos* do Papa Francisco frente a cada tema. Sobre o aborto o seu *ethos* se apresenta misericordioso, tentando compreender os motivos que levaram cada mulher a optar por tal escolha; no homossexualismo apresenta-se acolhedor buscando aconselhar as famílias para que tenham mais atenção àqueles que apresentam tendências homoafetivas e acompanhamento para que todos possam seguir no caminho da salvação; ao tratar da representação feminina na Igreja o *ethos* do Papa Francisco se revela inovador, sobretudo quando afirma que a mulher é mais importante que o próprio Papa e outros membros da Igreja, fazendo a Igreja reconhecer que deve ser estabelecimento maior espaço às mulheres; Quando fala sobre os pobres se demonstra benevolente e com sentimento de compaixão, sempre enfatizando que

os pobres têm lugar garantido no céu como o escrito na Bíblia, “Bem-aventurados os pobres, porque deles é o Reino de Deus” (Lc 6, 20-21); E quando fala sobre os abusos sexuais cometidos pelos membros da Igreja assume um *ethos*, piedoso com as vítimas e conflagrado com aqueles que praticaram os abusos sexuais contra os menores.

Assim, comprovamos com as nossas análises que o processo autoral ocorre nos discursos do Papa Francisco. Dessa forma, vimos que os índices de autoria são compostos pelas seleções de palavras adequadas a cada grupo ao qual o Papa Francisco se direciona, objetivando chamar a atenção do auditório e produzir um *pathos* positivo frente ao seu *ethos* sobre cada tema abordado. Além de observamos que Papa Francisco carrega as características que segundo Aristóteles todo orador deve ter, a *phrónesis* (direcionado ao próprio *logos*), a *areté* (direcionado ao *ethos*) e a *eúnoia* (direcionado ao *pathos*), pois utiliza da prudência ao enunciar seu discurso, tendo cuidado com a seleção de palavras e a maneira que será enunciado ao público, transparecendo suas virtudes refletidas em seu *ethos*, uma vez que o Papa Francisco se inspira em São Francisco de Assis para se conduzir no papado, as virtudes do Santo são refletidas em seu *ethos* e por fim o Papa apresenta a *eúnoia* que se refere a benevolência, sentimento manifestado no auditório por meio de seu discurso que transmite sua prudência e virtudes que compõem seu *ethos*.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O discurso religioso comporta uma particularidade de que a pessoa que fala como representante de Deus assume uma dupla posição: é destinatário do “locutor-inicial”, Deus, e se torna o próprio locutor (“locutor-final”) do discurso propagado para os fiéis. Como pastores, o Papa, os Bispos e os Padres têm a responsabilidade de guiar todos para o caminho da fé e dos desígnios propostos por Deus escrito na Bíblia. Esta, por sua vez, como a sagrada escritura, comporta regras que devem ser seguidas para que se alcance a salvação, como obediência aos mandamentos.

Papa Francisco como representante da Igreja tem como objetivo guiar suas ovelhas para o caminho do perdão e da salvação e desde os primeiros dias de seu papado tem conquistado admiradores pelo seu jeito humilde e pela proximidade ao povo, pelo uso de vestes mais simples e pelo uso de menos seguranças, possibilitando assim maior contato com o povo. Sempre enfatizando o desejo de uma “Igreja pobre para os pobres”, não somente pobres financeiramente como também de esperança.

Algumas das mudanças propostas pelo Papa Francisco foi abrir espaço para discussões que a Igreja evitou por décadas. Com a renúncia do Papa Bento XVI, motivada pelo crescente números de escândalos na Igreja, como corrupção e casos de pedofilia, viu-se a necessidade da escolha de um novo Papa, culminando com a escolha do Papa Francisco e com uma grande mudança na administração da Igreja que não cessaram, desde a escolha das vestimentas até a exposição de opiniões firmes sobre diversos setores da sociedade.

Quando escolheu o nome de Francisco para assumir a missão de representante do maior posto, hierarquicamente, na Igreja, Bergoglio vestiu-se de uma imagem de um Santo missionário, carismático e misericordioso, com o propósito de reconstruir a Igreja Católica em meio ao caos que estava vivendo, construindo um *ethos* acolhedor e misericordioso, fazendo com que os fiéis se sentissem estingados por meio de seu discurso a frequentarem a Igreja e seguirem todos juntos com o mesmo propósito, propagar o que Cristo veio fazer na terra, evangelizar e caminhar para a salvação.

As marcas de autoria no discurso do Papa Francisco são determinadas pelo uso estratégico na escolha de palavras para construir seu discurso e por apropriação de elementos que identifique seu *ethos* discursivo como a



representação de uma imagem mais preocupada com os pecadores do que com as proporções de seus pecados.

No decorrer deste trabalho procuramos identificar por meio das análises de seus discursos como o *ethos* do Papa Francisco se constrói e pudemos perceber que ao abordar diferentes temas seu *ethos* assume uma posição que colabora para a construção de sua imagem como Papa. Apesar de alguns momentos durante seu discurso expor opiniões fortes sobre temas como o casamento *gay*, como o respeito e a importância do reconhecimento de novas configurações familiares, logo em seguida ele apresenta o posicionamento da Igreja que afirma que o casamento *gay* não pode ser equiparado com o modelo pregado por Deus, pois como representante da Igreja não seria adequado ir contra a ideologia pregada por ela. Seu *ethos* é revolucionário por já ter provocando várias modificações na Instituição Católica e por assumir a tarefa de “reconstrução” da Igreja.

Percebemos que o *ethos* do Papa Francisco configura algumas marcas que colaboram para a autoralidade de seus discursos, pois como vimos com a análise além das escolhas enunciativas para proferir o discurso, este produz um saber discursivo que serve de base para outros; ao tratar dos temas analisados (aborto, pobres, homossexualidade, representação feminina e pedofilia) as discussões provocadas fazem com que outros discursos sejam produzidos, concordando com o enunciado do Papa Francisco ou rebatendo suas ideias.

Dessa forma, o trabalho nos proporcionou verificar que autor não é somente o sujeito ligado a uma corrente literária ou que escreve muito bem, mas quando falamos de autor estamos falando de autoralidade, de um sujeito produtor de discursividade e que colabora para a produção de outros discursos sobre os já existentes.

O novo cenário da Igreja Católica sobre a administração do Papa Francisco chamou atenção do mundo para Igreja, sobretudo pelos métodos utilizados pelo Papa na busca por novos fiéis, fazendo com que todos se sintam acolhidos. Além disso, percebemos por meio das nossas análises, onde selecionamos os discursos do Papa que abordam os temas em estudo, que o *ethos* do Papa Francisco se demonstra inovador, por trazer para a Igreja uma postura mais despojada ao se relacionar com o povo, e mais flexível perante alguns temas tidos como polêmicos, como aborto e homossexualismo.

Nós esperamos com esse trabalho contribuir para o desenvolvimento de estudos sobre autoria, tanto em textos escritos como orais, e futuramente esperamos verificar quais os discursos produzidos sobre o Papa, sobretudo de membros da Igreja, como Freiras, Padres e Bispos, pois como seu discurso reflete sobre questões polêmicas e até então evitadas, é interessante saber os discursos produzidos sobre sua imagem, visto que se trata do representante da Igreja Católica e sua imagem entre os membros da Igreja servem para fortalecer seu discurso ou não, e é exatamente essa questão reservada para trabalhos futuros.

## REFERÊNCIAS

- AMOSSY, R. Da noção retórica de ethos à análise do discurso. In: \_\_\_\_\_. (Org.). **Imagens de si no discurso: a construção do ethos**. São Paulo: Contexto, 2005a. p.09-27.
- \_\_\_\_\_. O ethos na intersecção das disciplinas: retórica, pragmática, sociologia dos campos. In: **Imagens de si no discurso: a construção do ethos**. São Paulo: Contexto, 2005b. p.119-144.
- AUGUSTINI, C. L. H.; GRIGOLETTO, E. Escrita, alteridade e autoria em análise do discurso. **Matraga**, rio de janeiro, v.15, n.22, jan./jun. 2008.
- AURÉLIO, R. P. Oferecendo uma imagem de si: A (des) construção do Ethos discursivo da Candidata Dilma Rousseff. **Revista Vozes dos Vales da UFVJM: Publicações Acadêmicas – MG – Brasil – Nº 02 – Ano I – 10/2012** Reg.: 120.2.095–2011 – PROEXC/UFVJM – ISSN: 2238-6424 – [www.ufvjm.edu.br/vozes](http://www.ufvjm.edu.br/vozes).
- BÍBLIA. Português. **Bíblia sagrada**. São Paulo: Paulus, 1991.
- BRANDÃO, H. H. N. **Introdução à análise do discurso**. 2º ed. rev. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2004.
- CARVALHO, F. C. Interdiscurso, cenas de enunciação e ethos discursivo em canções de Ataulfo Alves. **PERcursos Linguísticos**, Vitória - ES, v. 3, n. 1, 2011. p. 82-98.
- CORACINI, M. J. R. F. A celebração do outro na constituição da identidade. **Organon: Revista do Instituto de Letras da UFRGS – RS**, v. 17, n. 35, 2003. ISSN: 22388915. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/organon/article/view/30024/18620>> Acessado em 17 de jun. de 2018.
- \_\_\_\_\_. Escrit(ur)a do corpo no corpo da escrita: da palavra à vida. In: TFOUNI, L. V. (Org.). **Múltiplas faces da autoria**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2008. P. 179-198.
- \_\_\_\_\_. Escrita de si, assinatura e criatividade. In: INDURSKY, F.; FERREIRA, M. C. L.; MITTMANN, S. (Org.). **O discurso na contemporaneidade: materialidades e fronteiras**. São Carlos: 2009. P. 393-404. Disponível em: <<http://www.passeidireto.com/arquivo/23758080/100920841-o-discurso-na-contemporaneidade-indursky-f-ferreira-m-c-l-mitmann-s>> em 17 de jun. de 2018.
- DASCAL, M. O ethos na argumentação: uma abordagem pragma-retórica. In: AMOSSY, R. (Org.). **Imagens de si no discurso: a construção do ethos**. São Paulo: Contexto, 2005. p.57-68.
- EGGS, E. Ethos aristotélico, convicção e pragmática moderna. In: AMOSSY, R. (Org.). **Imagens de si no discurso: a construção do ethos**. São Paulo: Contexto, 2005. p.29-56.

EMEDIATO, W.; FRANCO, E. A. Discurso religioso, argumentação e cognição da Fé. In: MELO, M. S. S. (Org.). **Reflexões sobre o discurso religioso**. Belo Horizonte: Núcleo de Análise do Discurso, Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Faculdade de Letras da UFMG, 2017.

FERNANDES, V. V. **A ideologia nos discursos do Papa Francisco: Uma Análise Sociocognitivo-carismática**. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Linguística do Centro de Ciências Humanas e Naturais, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES, 2017.

FIORINDO, P. P. Ethos: um percurso da retórica à análise do discurso. **Revista Pandora Brasil** Nº 47 - Outubro de 2012 - ISSN 2175-3318 "O ethos nos estudos discursivos da ciência da linguagem."

FOUCAULT, M. **O que é um autor?** Vega: Passagens, 1992. Edição original: 1969.

\_\_\_\_\_. A hermenêutica do sujeito. Trad. de Marcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2004a.

\_\_\_\_\_. A escrita de si. In: **Ética, sexualidade, política**. Organização e seleção de textos Manoel Barros da Motta; trad. Elisa Monteiro e Inês Autran Dourado. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004b, p. 144-162. (Coleção Ditos & escritos, V).

GRIGOLETTO, E. **A construção da identidade na escrita de si: do ambiente universitário à internet**. Desenredo, Passo Fundo, v. 2, n. 2, p. 203-223, jul./dez. 2006.

MAINGUENEAU, D. A instituição discursiva. In: \_\_\_\_\_. **Novas tendências em análise do discurso**. Tradução de Freda Indursky. 3. ed. Campinas: Ed. UNICAMP, 1997, p. 29-71.

\_\_\_\_\_. Ethos, cenografia, incorporação. In: AMOSSY, R. (Org.). **Imagens de si no discurso: a construção do ethos**. São Paulo: Contexto, 2005. p.69-92.

\_\_\_\_\_. A propósito do ethos. In: MOTTA, Ana Raquel; SALGADO, Luciana (Org.). **Ethos discursivo**. São Paulo: Contexto, 2008, p. 11-29.

\_\_\_\_\_. A noção de Autor em Análise do Discurso. In: POSSETI, Sírio; SILVA, Maria Cecília Perez de Souza-e-. (Org.). **Doze conceitos em Análise do Discurso**. Tradução de Adail Sobral... et al. São Paulo: Parábola Editorial, 2010a, p. 25-47.

\_\_\_\_\_. Imagem de autor: Não há autor sem imagem. In: POSSETI, Sírio; SILVA, Maria Cecília Perez de Souza-e-. (Org.). **Doze conceitos em Análise do Discurso**. Tradução de Adail Sobral... et al. São Paulo: Parábola Editorial, 2010b, p. 139-156.

\_\_\_\_\_. Gênero de discurso e cena de enunciação. In: \_\_\_\_\_ . **Discurso e Análise do discurso**. Tradução de Sírio Possenti. 1 ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

MELO, M. S. S. Considerações sobre o Domínio de Prática Discursiva Religiosa. In: \_\_\_\_\_ (Org.). **Reflexões sobre o discurso religioso**. Belo Horizonte: Núcleo de Análise do Discurso, Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Faculdade de Letras da UFMG, 2017.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **A linguagem e seu funcionamento**: as formas do discurso. Campinas, SP: Pontes, 1987.

\_\_\_\_\_. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. 9º ed. Campinas, SP: Pontes, 2010.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Trad. Eni Orlandi et al. Campinas: Editora da Unicamp, 1995.

PEREIRA, E. C.R.; JOHN, V. M. A venda da fé pela mídia: análise do discurso religioso apresentado no programa de TU na Igreja Mundial do Poder de Deus. **Revista Anagrama**: Revista Científica Interdisciplinar da Graduação. Ano 9 – ed. 2 – Julh-Dez de 2015.

POSSETI, S. Enunciação, autoria e estilo. In: **Questões para analistas do discurso**. São Paulo: Parábola, 2009.

RODRIGUES, K.C. Em pauta o conceito de ethos: a movência do conceito da retórica aristotélica à sua resignificação no campo da Análise do Discurso por Dominique Maingueneau. **SIGNUM**: Estud. Ling., Londrina, n.11/2, p. 195-206, dez. 2008.

Santa Sé. Disponível em: <<http://w2.vatican.va/content/vatican/it.html>>. Acesso em: 25 de abril de 2015.

SILVA, E. L.; ROSADO, L. C. C.; MELO, M. S. S. Um estudo do ethos discursivo em audiências de conciliação. **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, SC, v. 12, n. 1, p. 71-98, jan./abr. 2012.

SOUZA, J. C. R. **Escrita e autoria**: Vozes que constituem e atravessam o discurso do sujeito-professor. Ribeirão Preto, 2010. Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto/USP-Departamento de Psicologia e Educação.

VALE, R. P. G. do. O riso no discurso religioso cristão: Questões de rejeição e de aceitação. In: MELO, M. S. S. (Org.). **Reflexões sobre o discurso religioso**. Belo Horizonte: Núcleo de Análise do Discurso, Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Faculdade de Letras da UFMG, 2017.



**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL NA BIBLIOTECA  
“JOSÉ ALBANO DE MACEDO”**

**Identificação do Tipo de Documento**

- ( ) Tese  
( ) Dissertação  
() Monografia  
( ) Artigo

Eu, Mionyella Francisco de Sousa Silva,  
autorizo com base na Lei Federal nº 9.610 de 19 de Fevereiro de 1998 e na Lei nº 10.973 de  
02 de dezembro de 2004, a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar,  
gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação  
O discurso do Papa Francisco: Uma análise sobre o processo natural  
nos arquivos disponíveis no site do Santo Sé.  
de minha autoria, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, pela internet a título  
de divulgação da produção científica gerada pela Universidade.

Picos-PI 21 de maio de 20 19

Mionyella Francisco de Sousa Silva

Assinatura

Fernanda Martins Luz Barros

Assinatura